

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
NÍVEL MESTRADO**

THAMIRES BATISTA BRAGA NOGGI

**“AO MESMO TEMPO TINHA A LIDA DA CASA PRA FAZER”:
narrativas e vivências de mães de estudantes no período de suspensão das
aulas presenciais durante a pandemia de COVID-19**

São Leopoldo

2024

THAMIRES BATISTA BRAGA NOGGI

**“AO MESMO TEMPO TINHA A LIDA DA CASA PRA FAZER”:
narrativas e vivências de mães de estudantes no período de suspensão das
aulas presenciais durante a pandemia de COVID-19**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Profa. Dra. Cátia de Azevedo Fronza

São Leopoldo

2024

N776 Noggi, Thamires Batista Braga.

“Ao mesmo tempo tinha a lida da casa para fazer” :
narrativas e vivências de mães de estudantes no período de
suspensão das presenciais durante a pandemia de COVID-
19 / Thamires Batista Braga Noggi. – 2024.

93 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio
dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Lingüística
Aplicada, 2024.

“Orientadora: Profa. Dra. Cátia de Azevedo Fronza”

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

THAMIRES BATISTA BRAGA NOGGI

**“AO MESMO TEMPO TINHA A LIDA DA CASA PRA FAZER”:
narrativas e vivências de mães de estudantes no período de suspensão das
aulas presenciais durante a pandemia de COVID-19**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Aprovado em 29 de maio de 2024

BANCA EXAMINADORA

**PROFA. DRA. ELIANA TAVARES - FURG
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROFA. DRA. DOROTEA FRANK KERSCH - UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



PROF^a. DRA. CÁTIA DE AZEVEDO FRONZA – UNISINOS ORIENTADORA

AGRADECIMENTO AO FUNDO PE. THEOBALDO FRANTZ

O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa de Bolsa de Estudos do Fundo Pe. Theobaldo Frantz de Formação Docente para Qualificação de Professores da Escola Básica.

Dedico esta obra aos meus amados avós Antonio, *in memoriam*, e Maria, que sempre se fizeram presentes de forma afetuosa na minha formação pessoal e acadêmica, mostrando-se incansáveis em me ofertar carinho, tempo, paciência, assim como incentivo à perseverança e à busca pelo conhecimento. Atribuo a eles esta conquista, pois certamente é fruto do amor incondicional que em mim cultivaram.

AGRADECIMENTOS

Em cada momento de escrita desta dissertação, senti a mão de Deus me amparando e não me deixando desistir. Meu primeiro agradecimento é a Ele, pois sem Ele nada somos, e esse sonho não seria realizado.

Agradeço às quatro mães participantes do estudo que me receberam com carinho em seus lares para contarem experiências tão pessoais, desafios, medos e inseguranças diante de um momento incerto como foi a pandemia e a pós-pandemia.

Agradeço à minha querida escola, que me acolhe há 6 anos. Ao apresentar a proposta de pesquisa, a equipe diretiva, prontamente, na pessoa da vice-diretora, colocou-se à disposição para auxiliar em tudo que fosse necessário, oferecendo o espaço escolar como possibilidade de realizar as entrevistas.

Agradeço ao meu pai, Ronaldo, e à minha mãe, Lara, por todo seu amor a mim demonstrado diariamente através de diferentes linguagens. Gostaria de honrar meu pai com este título de mestra, sonhado por mim e tão esperado por ele. Obrigada de todo o meu coração por investir em uma boa educação desde a minha infância e apoiar todas as aventuras acadêmicas que eu me propus a realizar. Essa conquista é nossa, pai.

Agradeço aos meus queridos avós, Antônio (*in memoriam*) e Maria, aos quais dedico esta obra, por todo o incentivo ao longo de cada etapa da minha formação, desde os anos iniciais do ensino fundamental. Jamais serão esquecidas as atitudes de carinho e solidariedade diante do percurso na graduação. Cada carona, cada lanche preparado com apreço, cada ligação perguntando se levei o guarda-chuva, e tantas outras demonstrações de amor. Eles farão parte de mim para sempre.

Agradeço ao meu marido, Jhonatan, o grande amor da minha vida, pelo incentivo e encorajamento em momentos que eu não acreditava mais conseguir avançar. Obrigada por me cuidar, por entender os meus anseios, os meus momentos de silêncio e minha dedicação à pesquisa, praticamente de forma integral, durante meu tempo livre. Obrigada por realinhar nossos planos em função deste sonho.

Agradeço também aos meus irmãos, sobrinhos e amigos, por compreenderem minha ausência e/ou distanciamento durante esse processo. Um

obrigada especial à minha querida amiga Barbara, por ter me ouvido tantas e tantas vezes com paciência e compreensão durante os momentos de escrita e reescrita. O seu apoio foi fulcral para que eu conseguisse alcançar meus objetivos.

Agradeço aos meus colegas dos dois grupos de pesquisa dos quais fiz parte durante o mestrado: Grupo NIL e Grupo Falescbras. Cada contribuição e troca de conhecimento foi essencial para o meu crescimento acadêmico e profissional.

Agradeço aos meus incríveis professores do Mestrado em Linguística Aplicada, especialmente à professora Dorotea Frank Kersch, cujas aulas foram verdadeiras inspirações, proporcionando aprendizagens significativas e nos desafiando a novas performances em nosso agir docente; à professora Rove Luiza de Oliveira Chishman, responsável pela primeira disciplina na qual ingressei e fui extremamente bem acolhida; e ao professor Caio César Costa Ribeiro Mira, que me recebeu inicialmente em seu grupo de pesquisa.

Não posso deixar de mencionar o carinho, a receptividade e o cuidado da minha orientadora: a querida professora Cátia de Azevedo Fronza. Quando penso nela, lembro-me do versículo que está em 2 Coríntios 5:14, o qual está escrito que "o amor de Cristo nos constrange". Da mesma forma, o amor da Cátia me constrange. Fico constrangida com tanta dedicação, disponibilidade e carinho comigo. Cheguei no grupo da professora após a qualificação do projeto de pesquisa, um contexto difícil tanto para orientadora como para orientanda. Mas a Cátia me surpreendeu com o acolhimento e com a compreensão em todas intempéries que eu passaria no último semestre de curso. Obrigada por tudo, professora Cátia. Não há palavras que expressem tamanha gratidão e admiração.

Por fim, novamente agradeço a Deus por me proporcionar tantas vivências diferentes durante o Mestrado. Foi uma jornada desafiadora e emocionante, vivenciei uma pandemia como professora e, posteriormente, como aluna. Essa experiência me impulsionou a escrever uma dissertação na qual destaco quatro mães como protagonistas de suas histórias, evidenciando a força e a dedicação que elas têm em cuidar de seus filhos. Neste momento, encerro essa etapa da minha vida acadêmica preparando-me para a experiência que me faltava: ser mãe. Agradeço a Deus pelo bebê que está sendo gerado em meu ventre e desejo que ele possa crescer com a mesma sensibilidade e carinho que essas quatro mães dedicam aos seus amados filhos, que também são meus alunos.

“Viver é principalmente um ato narrativo: a constituição semiótica de quem somos e do mundo a nossa volta”.

(Moita Lopes, 2021, p.14)

RESUMO

A pandemia de COVID-19 impactou diversas esferas sociais, dentre as quais se destacam os desafios encontrados na educação básica, durante o período de suspensão das aulas presenciais, em decorrência do crescente contágio do vírus. Diante desse contexto, a presente dissertação tem como objetivo principal investigar, através de narrativas orais de mães de estudantes do ensino fundamental, a forma como elas constroem discursivamente as vivências escolares de seus filhos durante a pandemia de COVID-19. O estudo seguiu uma abordagem qualitativo-interpretativista, utilizando a entrevista narrativa, com a participação voluntária de quatro mães de estudantes das séries iniciais e finais do ensino fundamental, divididas igualmente entre os dois grupos. A base teórica utilizada nesse trabalho inclui autores como Coscarelli (2020), Mendonça (2021), Kersch (2021), Rojo (2020), Bastos e Biar (2015), Flannery (2015) e Moita Lopes (2021). Os resultados mostram a forma como as mães se posicionam e constituem sua organização discursiva. Além disso, outros aspectos são identificados nos discursos das participantes, como, por exemplo, as múltiplas funções que a instituição escola cumpre, extrapolando a educação formal, estabelecendo rotina e qualidade de vida para muitas famílias. Da mesma forma, a partir de um contexto micro, os dados evidenciam o macro, ilustrando algumas diferenças entre famílias que já dispunham de uma rotina bem estabelecida antes da pandemia e aquelas que enfrentaram dificuldades por não terem o apoio presencial da escola.

Palavras-chave: narrativas orais; pandemia; mães; educação básica.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic has impacted various social spheres, among which the challenges encountered in basic education during the suspension of face-to-face classes due to the increasing spread of the virus are particularly noteworthy. In this context, this dissertation aims to investigate, through the oral narratives of mothers of elementary school students, how they discursively construct their children's school experiences during the COVID-19 pandemic. The study adopted a qualitative-interpretative approach, utilizing narrative interviews with the voluntary participation of four mothers of students from both the early and final grades of elementary school, evenly divided between the two groups. The theoretical framework employed in this work includes authors such as Coscarelli (2020), Mendonça (2021), Kersch (2021), Rojo (2020), Bastos and Biar (2015), Flannery (2015), and Moita Lopes (2021). The research reveals how the mothers position themselves and structure their discursive organization. Additionally, other aspects are identified in the participants' speeches, such as the multiple functions that the school institution fulfills, going beyond formal education, establishing routines and quality of life for many families. Similarly, from a micro context, the data highlight the macro, illustrating some differences between families that already had a well-established routine before the pandemic and those that faced difficulties due to the lack of in-person school support.

Key-words: oral narratives; pandemic; mothers; basic education.

LISTA DE EXCERTOS

Excerto 1 – “Foi uma alteração da rotina”	61
Excerto 2 – “Ao mesmo tempo tinha a lida da casa pra fazer”.....	65
Excerto 3 – “Ela não copiou não copiava a matéria”.....	68
Excerto 4 – “Aí parou tudo né”.....	71
Excerto 5 – “Foi complicado assim de interação”.....	73
Excerto 6 – “Eles tão muito perdido”.....	75
Excerto 7 – “Nunca foi muito complicado”.....	81

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Informativo com medidas de prevenção à COVID-19.....	23
Figura 2 – Posicionamentos discursivos.....	42
Figura 3 – Níveis de representação no processo de pesquisa.....	45
Figura 4 – Categorias de investigação.....	49

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de casos registrados em março/2020**Erro! Indicador não definido.**2

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Participantes da pesquisa.....	54
Quadro 2 – Correspondência entre objetivos e base teórica.....	59

LISTA DE SIGLAS

ARPEN	Associação de Registradores de Pessoas Naturais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
COVID-19	Corona Virus Disease 2019 ¹
ERE	Ensino Remoto Emergencial
LA	Linguística Aplicada
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde

¹ Doença causada pelo Coronavírus 2019.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2.1 A PANDEMIA E SUAS CIRCUNSTÂNCIAS	21
2.2 O IMPACTO DA PANDEMIA NA ESCOLA	24
2.3 O IMPACTO DA PANDEMIA NA FAMÍLIA.....	30
2.4 A MULHER NA INSTITUIÇÃO FAMÍLIA	33
2.5 NARRATIVAS	38
2.6 POSICIONAMENTO DISCURSIVO	40
3 METODOLOGIA	44
3.1 A ENTREVISTA NARRATIVA.....	46
3.2 AS LÂMINAS DE ANÁLISE.....	48
3.3 ASPECTOS ÉTICOS.....	51
3.4 AS PARTICIPANTES	53
3.4.1 Participante Nicole	55
3.4.2 Participante Aline	56
5 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	59
5.1 NARRATIVA DE NICOLE: A NECESSIDADE DE UMA NOVA ROTINA	60
5.2 NARRATIVA DE ALINE: O OLHAR ATENTO DE UMA MÃE	70
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	90
ANEXO A - CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO	93

1 INTRODUÇÃO

O ano letivo de 2020, para muitas escolas, iniciou com a expectativa de mudanças significativas no ensino, em razão da Base Nacional Comum Curricular². Enquanto diversas instituições já executavam as novas diretrizes, havia aquelas que, aos poucos, tentavam uma adaptação nas metodologias e nos parâmetros propostos. Além das transformações já previstas na rotina escolar para o novo ano letivo, 2020 ficaria marcado na história do país, especialmente na educação brasileira, devido às intensas mudanças que aconteceriam no contexto escolar em decorrência da pandemia de COVID-19³. Professores, estudantes e famílias tiveram de adaptar o cotidiano à nova realidade emergente do coronavírus.

A pandemia de COVID-19 causou inúmeras modificações sociais, familiares, políticas, entre outras. Diante desse contexto, docentes, discentes e famílias tiveram de estabelecer uma reorganização e definir muitas estratégias para manterem ativos os estudos em 2020 e 2021, mesmo com o fechamento integral das instituições. Dessa forma, por ter vivido o período de pandemia como professora da educação básica, consigo ter uma visão do modo como se deu o processo de reestruturação da rotina docente. Nós, professores, tivemos de buscar novos meios, a fim de concretizar e de adaptar o planejamento de ensino, assim como o cumprimento da BNCC, durante a suspensão das aulas presenciais. Tivemos de nos resignificar.

Nesse cenário, além de viver a experiência como professora durante a pandemia, em meados do ano de 2021, voltei a ser aluna, ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, nota seis no último quadriênio (2017-2020).

² Também escrita como BNCC, refere-se a um documento norteador que especifica as competências e habilidades necessárias em cada etapa da educação básica, de acordo com Brasil (2018).

³ Segundo a OMS (2020), a COVID-19 trata-se de uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. O primeiro caso de infecção ocorreu em 31 de dezembro de 2019. Os impactos dessa doença serão abordados no decorrer do estudo.

Inicialmente, estava vinculada ao grupo de pesquisa Narrativas, Interação e Linguagem (NIL), pertencente à linha de pesquisa Interação e práticas discursivas⁴. Após a banca de qualificação, foi necessária uma troca de orientador e, com isso, fui acolhida pelo grupo Falescbras, que investiga questões relacionadas à fala, à escrita e à Libras, sob a orientação da professora Cátia de Azevedo Fronza.

Na condição de estudante da pós-graduação, nesse período, compreendi melhor os desafios enfrentados pelos meus alunos, que até então inferia, mas ainda não tinha experimentado, na prática, aquilo que a não-presencialidade das aulas refletia nos estudantes. Percebi o quanto o contato e o diálogo com os colegas fazia falta e potencializava os danos relacionados à aprendizagem, já que, sem troca de conhecimentos, pouco se desenvolvem habilidades extracurriculares, também importantes para o crescimento acadêmico e social. A ausência do recreio, dos trabalhos em grupos e das apresentações resultaram em uma descaracterização do formato de aula até então existente. Isso causou estranheza aos estudantes e dificuldade em adaptação àquela circunstância.

À vista disso, se professores e alunos tiveram de se moldar ao novo contexto. É evidente que para as famílias não foi diferente. Com o advento da pandemia, os pais tiveram de participar mais da rotina escolar de seus filhos, pois, naquele momento, o professor não se fazia presente fisicamente. Com isso, principalmente as mães tiveram de readequar a rotina familiar.

Não há dúvidas de que, diante disso, a pandemia trouxe uma nova realidade à sociedade. Pais e responsáveis se viram obrigados a participarem de forma efetiva da vida escolar de seus filhos, desempenhando papéis que outrora, indevidamente, eram designados aos professores. Inserida neste cenário, a presente pesquisa buscou investigar e apresentar o impacto da pandemia na educação através das narrativas de mães responsáveis por estudantes do ensino fundamental, tanto dos anos iniciais, como dos anos finais, assim como elucidar, por meio das entrevistas, a forma como o contexto familiar foi repentinamente afetado devido à suspensão das aulas presenciais e no que isso resultou.

⁴ Infelizmente, por decisão da universidade, nosso curso, apesar de obter nota 6, na avaliação de Linguística e Literatura da Capes (2017-2020), assim como outros onze programas de pós-graduação da Unisinos, deu início ao processo de desativação a partir de julho de 2022. Conforme manifestação da reitoria, tal ação foi necessária para “promover o equilíbrio financeiro da instituição e sua preparação para crescer de forma sustentável nos próximos anos”, de acordo com publicação em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao/noticia/2022/07/unisinos-encerra-12-dos-26-programas-de-pos-graduacao-estudantes-tem-conclusao-garantida-cl5wp0hya004f016v0wkhj6iv.html>. Acesso em: 09 de mar. 2024.

Posto isso, chamo atenção para o fato de que muitos estudos e pesquisas têm sido realizados, a fim de compreender determinados fenômenos decorrentes da pandemia do coronavírus na realidade escolar. No entanto, diante dos trabalhos publicados, não encontrei uma proposta semelhante a esta, que tenha como enfoque exclusivamente as narrativas orais de mães responsáveis por estudantes em isolamento social que acompanharam e auxiliaram seus filhos nas tarefas escolares durante o ensino remoto emergencial. Busco, então, entender, do ponto de vista dessas mães participantes da pesquisa, como foi o reflexo da pandemia no ambiente familiar e na aprendizagem, especificamente no período durante o qual a escola foi fechada, fomentando reflexões acerca da constituição dessas narrativas.

Dessa forma, a pesquisa visa a responder aos seguintes questionamentos: do ponto de vista linguístico-interacional, o que revelam as narrativas de mães que acompanharam seus/suas filhos/filhas durante o período em que as aulas presenciais foram suspensas em função da pandemia de COVID-19?” e “de que forma o papel da escola, como instituição social, foi resignificado discursivamente durante o ensino remoto na pandemia de COVID-19?.

Dadas essas considerações, o objetivo central do estudo é investigar, através de narrativas orais de mães de estudantes do ensino fundamental, a forma como elas constroem discursivamente as vivências escolares de seus filhos durante a pandemia de COVID-19. A partir deste direcionamento, são estabelecidos como objetivos específicos desta pesquisa:

- a) analisar os elementos linguístico-discursivos que emergem em narrativas orais das mães de estudantes do ensino fundamental entrevistadas;
- b) compreender os posicionamentos discursivos que emergem em narrativas de mães de estudantes do ensino fundamental;
- c) refletir sobre diferenças no posicionamento discursivo em narrativas das mães participantes quanto ao seu envolvimento nas vivências escolares de seus/suas filhos/filhas durante a pandemia de COVID-19.

Diante do exposto, na sequência do texto, o capítulo 2 traz informações relativas ao período pandêmico que motivaram a execução desta pesquisa. Busco contextualizar o leitor acerca dos impactos da pandemia na instituição escola e, posteriormente, na família, apresentando as mudanças significativas que ocorreram na sociedade em decorrência da doença. Além disso, apresento breves informações acerca do papel desempenhado pelas mulheres no âmbito familiar, assim como

aspectos relativos à forma como a sociedade percebe a manifestação do sexo feminino no que diz respeito ao cuidado. Nessa seção, ainda são exibidos diversos arcabouços teóricos que embasam o estudo, tais como: Moita Lopes (2021), De Fina (2012), Bastos (2015) e Flannery (2015), Bamberg (2002), entre outros.

No capítulo 3, por sua vez, encontra-se a metodologia qualitativo-interpretativista que sustenta a pesquisa através da entrevista narrativa. Nessa seção também estão elencadas as especificidades de cada participante.

O capítulo 4 apresenta a análise de dados que teve como categoria de interpretação o estudo proposto por Biar, Orton e Bastos (2021). Por fim, no capítulo 5, estão as considerações finais do trabalho.

Com essa organização, por meio desta pesquisa, é possível revisitar aspectos acerca da pandemia de COVID-19, voltados à educação básica e ao convívio familiar. Registram-se, neste contexto, percepções de mães que vivenciaram o Ensino Remoto Emergencial, um dos desafios desse período, analisando-as com base em autores que tratam dessa temática e das implicações da pandemia amplamente.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O referencial teórico deste trabalho detém-se a, primeiramente, contextualizar o leitor acerca da pandemia, com informações oficiais da OMS e do Ministério da Saúde. Em seguida, são apresentados os efeitos da pandemia na escola e, posteriormente, na família, trazendo autores como Coscarelli (2020), Mendonça (2021), Kersch (2021), Rojo (2020), entre outros. Na sequência, o referencial aborda aspectos relacionados ao papel da mulher diante da sociedade, apontando autores como Durkheim (1973), Homem (1996) e Wirth (2013). Ao trazer a perspectiva teórica acerca das narrativas, autores como Bastos e Biar (2015), Flannery (2015) e Moita Lopes (2021) são explorados, assim como Bamberg (2002), com seus níveis de posicionamentos discursivos.

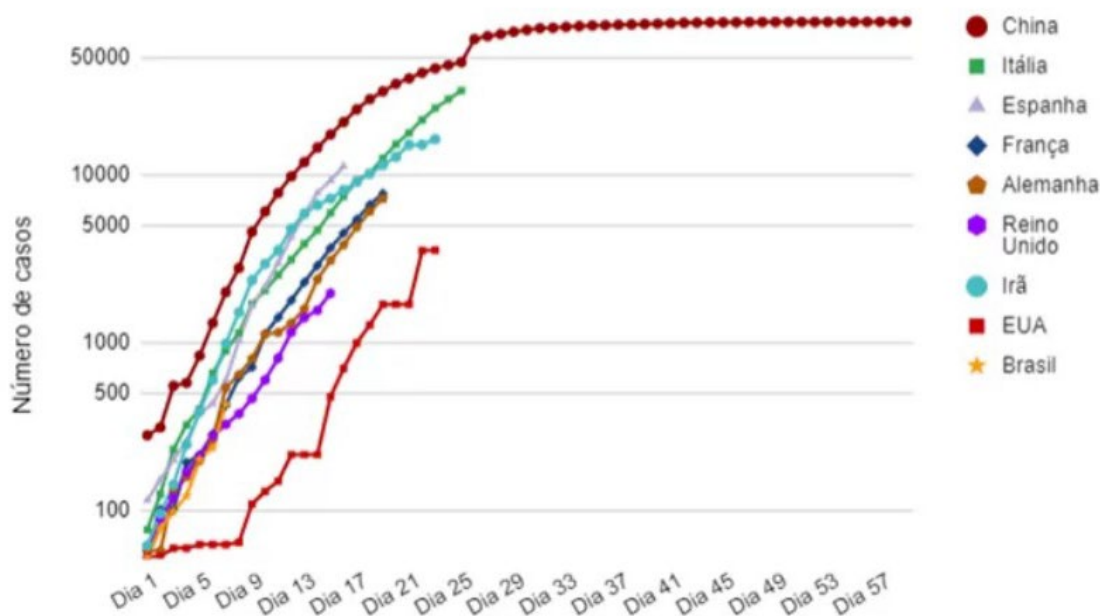
2.1 A PANDEMIA E SUAS CIRCUNSTÂNCIAS

Conforme se aproximava o término do verão, ao final do mês de fevereiro de 2020, houve a informação de que o coronavírus havia alcançado o Brasil. Mesmo com a popularização das notícias acerca do vírus, inicialmente encontrado na China em novembro de 2019, a população brasileira não despertou grandes preocupações na época, visto que a pandemia parecia uma realidade distante do nosso país. No entanto, logo após a identificação do primeiro contágio no Brasil, ocorrido em São Paulo, o vírus rapidamente foi detectado em outras cidades, causando temor quanto à sua disseminação imediata.

Nos primeiros dias do mês de março do mesmo ano, já ultrapassavam cinco mil casos registrados de brasileiros contaminados pelo coronavírus (cf. Gráfico 1). Logo, o número de óbitos, no país, crescia consideravelmente. Embora considerado moderado o número de infectados, dados da OMS apontavam para uma tendência de crescimento semelhante à ocorrida com a Itália na qual, dia após dia, novos óbitos eram anunciados. Segundo a ARPEN⁵, “em março de 2020, quando a pandemia ainda começava no Brasil, foram registradas cerca de 107 mil mortes, alta de 9,5% em relação às 97,7 mil do mesmo mês de 2019”.

⁵ Disponível em <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/29/marco-recorde-mortes-brasil.htm>. Acesso em: out. 2022.

Gráfico 1 - Número de casos registrados em março/2020



Fonte: OMS (2020)⁶.

Os dados do gráfico revelam o crescimento contínuo da contaminação já nos primeiros dias do mês de março de 2020. É possível identificar que, enquanto no Brasil, o contágio principiava, países como China e Itália já apresentavam números expressivos, levando a expectativas extremamente negativas.

Em decorrência do crescente e incontrolável contágio do coronavírus, órgãos públicos tiveram de adotar medidas de prevenção à doença, visando mitigar a contaminação, que a cada dia se alastrava. À sociedade foi recomendado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) que todos adotassem o confinamento, em suas casas, para evitar a propagação e a contaminação do vírus. Além disso, foi criada a Lei nº 13.979, que tornava obrigatório o uso de máscaras em locais públicos e privados - incluindo os transportes coletivos.

O constante uso de álcool em gel para a higienização das mãos tornou-se comum, fazendo com que alguns estados brasileiros tornassem obrigatória a sua disponibilização em diversos estabelecimentos públicos e privados. Conseqüentemente, em pouco tempo, houve a escassez desse produto nas farmácias e nos mercados do país.

⁶ Disponível em <https://acesse.dev/graficomarco>. Acesso em: out. 2022.

Além do uso da máscara e do álcool em gel, outras instruções foram indicadas à população, conforme o informativo abaixo, divulgado através de sites oficiais do Governo Federal.

Figura 1 – Informativo com medidas de prevenção à COVID-19



Fonte: Ministério da Saúde (2020)⁷.

Ainda no mês de março de 2020, o governo do estado do Rio Grande do Sul decretou *lockdown*⁸ e fechamento de estabelecimentos públicos e privados,

⁷ Disponível em: <https://acesse.one/medidasdeprevencao>. Acesso em: out. 2022.

⁸ No estado do Rio Grande do Sul, foi decretado *lockdown* para a educação básica de março de 2020 a agosto de 2021.

autorizando apenas o funcionamento de serviços essenciais à população, como supermercados, clínicas médicas, farmácias, entre outros.

Diante disso, no dia dezessete de março, as escolas começaram a experienciar os resultados da pandemia. Nessa data, o Ministério da Educação (MEC) publicou a Portaria nº 343/2020, suspendendo as aulas presenciais nas instituições de ensino do país. Nesse momento, deu-se início à quarentena dos estudantes junto às suas famílias. Houve necessidade de tempo para acomodar, assimilar e colocar em prática tudo que foi proposto. Era o “fique em casa” se perfazendo na sociedade.

2.2 O IMPACTO DA PANDEMIA NA ESCOLA

Não é novidade que a pandemia de COVID-19 surpreendeu a todos com sua chegada repentina ao Brasil. Mesmo acompanhando os noticiários, não se cogitava a possibilidade de essa doença atingir o país. No entanto, assim que foram divulgados os primeiros casos de contaminação, o número de infectados começou a crescer a cada dia. Junto à constante propagação do vírus, aumentava o número de óbitos em decorrência de problemas ocasionados pela doença.

Diante de tal impacto, foram necessárias adaptações imediatas na rotina da sociedade, conforme indicado anteriormente. Além disso, houve uma insistente campanha por parte da mídia: o “Fique em casa!”. Artistas de diferentes emissoras fizeram apelo em rede nacional visando a conscientizar a população sobre a importância de aderir à quarentena preventiva, bem como tratar com seriedade o distanciamento social sugerido por órgãos públicos.

Rapidamente, o “Fique em casa!” se estendeu às instituições de ensino no país. Assim, como medida protetiva aos professores e aos estudantes, foi decretada, em março de 2020, a suspensão das aulas presenciais com previsão de retorno para o final do mesmo mês. No entanto, a estimativa de regresso não foi executada, pois era crescente o índice de infectados pelo coronavírus.

À medida que os dias de isolamento decorriam, aumentava a apreensão social em relação à perda de aulas, pois, a princípio, acreditava-se que a quarentena seria de duas semanas. Assim, as escolas planejaram atividades que os alunos realizariam com suas famílias durante esse período. Percebeu-se, então,

conforme os dias e o número de óbitos avançavam, que havia a necessidade de adiar o retorno presencial das aulas, visto que a falta de tratamento adequado à doença fazia com que o vírus continuasse a se dispersar. Autoridades no âmbito da educação prorrogaram o retorno ao ensino presencial por diversas vezes, sendo oficialmente aceito apenas em agosto de 2021.

A partir do momento no qual foi constatado que não seriam possíveis as aulas presenciais, rapidamente as escolas buscaram alternativas para dar prosseguimento ao ano letivo de 2020 e, posteriormente, 2021. Professores e gestores escolares tiveram de ressignificar aquilo que entendiam por “dar aulas”, já que o encontro presencial, comumente relacionado à prática citada, havia sido suspenso.

As aulas foram ofertadas por meio do ensino remoto emergencial (ERE) que, embora estabelecido em caráter de urgência e de modo provisório, estendeu-se por um período maior que o previsto. Com isso, docentes que não eram habituados ao uso de tecnologias digitais tiveram de, imediatamente, adquirir letramento digital e se adaptar ao novo ensino remoto emergencial em tempo recorde. Moreira e Schlemmer (2020, p. 8) definem ERE “como uma modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes”. Os autores destacam que, embora nesse formato haja o afastamento físico, a aula procura seguir os preceitos do ensino presencial, uma vez que

o Ensino Remoto de Emergência é, na realidade, um modelo de ensino temporário devido às circunstâncias desta crise. Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas idênticas às práticas dos ambientes físicos, sendo que o objetivo principal nestas circunstâncias não é recriar um ecossistema educacional online robusto, mas sim fornecer acesso temporário e de maneira rápida durante o período de emergência ou crise (Moreira; Schlemmer, 2020, p. 9).

Coscarelli (2020) ressalta que o ERE se trata de uma medida adotada em caráter emergencial com o objetivo de garantir a continuidade do estudo de cursos presenciais, durante a disseminação do coronavírus. A autora também aponta que as circunstâncias nas quais o ensino remoto emergencial foi instituído não foram as ideais, uma vez que esse formato das aulas precisou ser implementado sem levar em consideração se os envolvidos tinham as habilidades essenciais para darem conta dos novos recursos didáticos. Dessa forma, as mudanças necessárias ao

novo formato de aulas foram feitas quase que do dia para a noite, exigindo uma adaptação repentina e repleta de desafios, sendo um dos maiores manter a saúde física e mental em boas condições.

Muitos educadores, não familiarizados com acesso às tecnologias disponíveis na época, precisaram explorar esse tipo de letramento às pressas. Não tínhamos tempo a perder, pois a sociedade esperava de nós uma solução iminente para os prejuízos que seriam ocasionados na aprendizagem. Por estarmos acostumados à forma tradicional de ensino, nós, professores, tivemos dificuldade na adaptação ao “novo normal”, pois, além de buscar ações que visassem a diminuir os prejuízos na vida escolar dos alunos, havia ainda a preocupação em relação à nossa saúde física. Ao mesmo tempo em que aprendíamos novas habilidades virtuais, tínhamos também de ensinar aos nossos alunos os recursos que seriam utilizados a partir de então para dar andamento aos anos letivos de 2020 e 2021.

Foi neste contexto de transformações que “as tecnologias digitais emergiram como forma de suprir imediatamente as novas demandas educacionais, visando a dar continuidade ao ano letivo e aos processos de ensino e de aprendizagem na escola” (Pereira; Carnin; Mira, 2022). No entanto, manifestaram-se objeções referentes ao acesso à internet, pois nem todos os professores e alunos tinham recursos para o uso de plataformas digitais. Os estudantes, em decorrência da faixa etária e por não disporem de letramento, recursos e espaços adequados ao ensino remoto, possuíam pouca autonomia para cumprir com suas tarefas escolares nesse modelo de ensino.

Coscarelli (2020) destaca que os professores não tiveram tempo hábil de buscar formação adequada para uma imersão de qualidade nas aulas online, tampouco planejamento efetivo que se utilizasse de estratégias e de materiais apropriados. Além disso, a autora revela que o despreparo também ocorreu por parte dos alunos, já que, da mesma forma, não tiveram oportunidade de adquirir competências fundamentais para o sucesso na modalidade de ensino virtual (Coscarelli, 2020).

Em consonância, Mendonça (2021) afirma que as transformações oriundas do novo formato de ensino fomentaram uma reconfiguração de práticas pedagógicas que acabou sendo muito desafiadora, tanto para educadores como para estudantes, pois o distanciamento físico dificultou a elaboração de um

planejamento efetivo e funcional, já que as habilidades possíveis de serem exploradas no contexto online são diferentes dos utilizados no modelo tradicional.

Com as mudanças na rotina e no formato das aulas, professores sofreram ao tentarem conciliar suas tarefas domiciliares com as profissionais. Sobrecarregados de funções, os educadores não conseguiam impor limites no seu trabalho: a vida pessoal se fundia à profissional. Acerca disso, Saraiva, Traversini e Lockmann (2020, p. 13) afirmam que:

essa prática torna plausível, e até mesmo normal, a ideia do trabalho sem pausa, da produtividade sem limites e de uma disponibilidade quase absoluta às demandas do tempo presente, sejam elas vinculadas ao trabalho profissional ou ao trabalho doméstico (...) os principais desafios dos docentes são percebidos diante do fato de terem que trabalhar para além da carga horária contratada. Além disso, os pais e responsáveis, a equipe da gestão escolar entra em contato três vezes por dia para tirar dúvidas por aplicativos, por exemplo, o Whatsapp, e, soma-se a isso, a necessidade de planejar, enviar, receber e corrigir as atividades de sua competência.

Mesmo com as dificuldades relativas à adaptação aos recursos e ferramentas tecnológicas, a classe docente não mediu esforços para reinventar suas práticas. Kersch (2021, p. 23-24) destaca que, durante a transição de metodologias, o empenho por parte dos professores foi intenso, já que cada educador

tentou de todas as formas se conectar com os alunos, abriu, por exemplo, mão de sua privacidade formando grupos de Whatsapp e, conseqüentemente, passou a não ter mais momento para ser acionado pelos alunos. Tentou localizar seus alunos, fazer com que os materiais impressos chegassem a eles, e ainda tentou em vão que abrissem a câmera durante as aulas. Fez lives e assistiu a elas, participou de formações, assistiu a inúmeros tutoriais, descobriu inúmeras formas de ensinar e aprender.

É certo que a adesão ao ERE causou angústia ao professor pelos motivos citados anteriormente e pela dificuldade em colocar limite no seu horário de expediente, pois, com o *home office* em vigor, o lar tornou-se local de compartilhamento de lazer e de trabalho. Conseqüentemente, fundiam-se as atribuições domiciliares com as profissionais. Era a vida pessoal sendo invadida pelo trabalho.

Não obstante, como vivenciado na minha realidade escolar, um dos problemas que já afetava os discentes, antes do contexto de pandemia, era o

desinteresse dos pais em relação aos estudos, especialmente nas séries finais do ensino fundamental. Muitas vezes, as famílias se equivocavam quanto aos reais deveres da escola, esperando que, além da formação acadêmica, essa instituição social instrísse o estudante quanto aos ensinamentos de princípios e valores, eximindo a instituição família de suas responsabilidades. A respeito disso, Kaloustian (1988, p. 22) diz que a família

desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais.

Como professora, percebo que, por mais atento e humanizado que o nosso trabalho em sala de aula possa ser, há virtudes, princípios e crenças que apenas à família compete fomentar. Com a pandemia, houve maiores possibilidades dos pais/responsáveis assegurarem a sua real importância na formação da criança e do adolescente.

Em contrapartida ao que foi exposto até aqui, não posso deixar de mencionar que a pandemia provocou mais e novas reflexões acerca das infinitas possibilidades de avaliação, provocou um avanço no uso tecnologia nas instituições de ensino, assim como evidenciou a necessidade de viabilizarmos multiletramentos aos nossos alunos e suas famílias.

Kersch e Lesley (2019), com base nos contextos investigados, indicaram, antes da pandemia, que, cada vez mais, surgiriam novas tecnologias. A pandemia, portanto, acelerou o que já vinha sendo previsto. Nós, como professores, precisamos estar abertos e preparados para enfrentarmos os desafios de aprender o desconhecido, sem temermos o novo. Não restam dúvidas de que a formação continuada é imprescindível na vida de quem trabalha com educação. A todo momento, somos surpreendidos com novas possibilidades de desenvolvimento das aulas e com metodologias que instiguem o protagonismo dos nossos estudantes. Se não estivermos em constante busca por aprimoramento de habilidades relativas às tecnologias, poderemos, novamente, sofrer consequências resultantes de um despreparo que poderia ter sido evitado.

Diante disso, ao referir-se sobre a pandemia, Nóvoa (2020)⁹ assegura que “esta crise vai nos permitir repensar os novos modelos escolares, os novos modelos educativos”, pois, conforme Rojo (2020, p. 43), “a pandemia mudou a relação das pessoas com o digital”.

Nóvoa também ressalta que o período pandêmico aproximou professores e alunos, pois, no formato online, o docente

pode receber mensagens com dúvidas, pode passar informações complementares para determinados alunos. Pode adaptar a sua aula para o ritmo de cada aluno. Pode procurar ajuda em outros colegas sobre problemas que surgem, novos programas para a sua área de conhecimento. O processo de ensino aprendizagem pode ganhar assim um dinamismo, inovação e poder de comunicação inusitados (Nóvoa, 2020).

Com o avanço dos estudos acerca da vacina contra o COVID-19, houve tentativas de retornar ao ensino presencial em algumas cidades do Brasil. No entanto, foi percebido que os protocolos de higiene, o uso de máscara e a primeira dose da vacina não eram ainda suficientes para combater a disseminação do vírus. Por conseguinte, foi necessário recuar a abertura das instituições escolares, mantendo o ensino remoto emergencial por mais de um ano.

No segundo semestre de 2021, após todas as faixas etárias serem contempladas com a segunda dose da vacina, ocorreu um movimento, por parte de algumas escolas da Educação Básica, a favor do retorno presencial às aulas. Esse regresso aconteceu lentamente, uma vez que as instituições necessitavam executar os protocolos de prevenção ao vírus.

Dada a conjuntura em que as instituições tiveram de agir, fica evidente que as habilidades e os objetivos previstos para os estudos nos anos de 2020 e 2021 foram extremamente prejudicados, especialmente na Educação Básica — etapa na qual grande parte dos estudantes ainda não possui maturidade e embasamento adequados para executar com propriedade o ensino remoto.

O planejamento pedagógico e os procedimentos avaliativos precisaram ser substituídos e adaptados à nova realidade. A aprendizagem sofreu com a defasagem e as desigualdades sociais ficaram ainda mais evidentes nesse contexto da pandemia.

⁹ Educação Bahia. Formação Continuada - Aula Magna António Nóvoa. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7kSPWa5Nieo>. Acesso em: 21 de out. 2021.

Diante disso, é possível dizer que a educação não é, nem será a mesma daqui para frente. A pandemia de COVID-19 resultou em aspectos negativos, como já indicado, mas também proporcionou reflexões ao sistema de ensino. É importante que saibamos ponderá-los a fim de refletir acerca de nossa prática docente.

2.3 O IMPACTO DA PANDEMIA NA FAMÍLIA

Além do envolvimento dos discentes e professores nas transformações do universo escolar em decorrência da suspensão das aulas presenciais, tornou-se fundamental a participação ativa das famílias no processo de aprendizagem. Houve a necessidade de um resgate do papel dos pais para que colaborassem com a escola, estando presentes no desenvolvimento acadêmico de seus filhos.

Parolim (2003, p. 99) reforça que

tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo.

Se, anteriormente, a educação formal era terceirizada para a escola, com a chegada do coronavírus isso foi ressignificado, pois sozinhos os professores não seriam capazes de identificar as singularidades de cada estudante. Foi preciso que as famílias tomassem consciência da importância de estarem atentas às demandas escolares das crianças, especialmente às suas dificuldades. Aos pais coube acompanhar as aulas online, monitorar o uso de eletrônicos em excesso, sanar dúvidas acerca de conteúdos com os quais esses pais não entravam em contato desde sua época escolar, entre outras atribuições concernentes ao papel de pai e mãe. Desse modo, Coscarelli (2020, p. 17) manifesta sua preocupação com o cenário, questionando-se: “me pergunto se todos têm tranquilidade em casa para estudar, se todos têm acesso rápido e estável à internet. Imagino os pais tendo de trabalhar remotamente, os filhos tendo de estudar remotamente”.

Em virtude do isolamento social, crianças e pais que se encontravam em *home office* tiveram uma permanência maior em casa. Tal fato provocou o aumento

das demandas domiciliares, inclusive no caso de pais e/ou mães que não aderiram ou não lhes foi possibilitado o *home office*. Com mais pessoas no lar, era necessário lavar e passar mais roupas, higienizar os utensílios por um número superior de vezes, cozinhar quantidades maiores de alimentos, como também executar os serviços profissionais aos quais eram designadas. Além disso, ainda havia o estresse de viver uma pandemia (Coscarelli, 2020).

Estudos recentes, como o de Okamoto *et al.* (2023), indicam algumas transformações que se fizeram necessárias durante o referido momento:

esse período excepcional trouxe uma demanda de reconfiguração da esfera doméstica, na qual as atividades laborais e educacionais passaram a ser desenvolvidas simultaneamente e no mesmo espaço, impondo a necessidade de ajustamentos na organização do ambiente e na rotina doméstica (Okamoto *et al.*, 2023, p. 23).

A necessidade de uma reorganização nas dinâmicas familiares, trazida pelos autores, evidencia a iminente agilidade necessária para lidar com a coexistência das atribuições domésticas e laborais, uma realidade comum durante a pandemia de COVID-19. Não obstante, é possível observar que comumente, no contexto familiar, o cuidado, assim como o ato de ensinar, são associados à figura materna. Os autores ainda ressaltam que

com a reorganização do cotidiano doméstico, as mães se sentiam sobrecarregadas com as atividades escolares dos filhos, que passaram a ser desenvolvidas no formato remoto. O acúmulo de responsabilidades faz com que elas se sintam desamparadas com a falta do apoio que tinham da instituição antes da pandemia (Okamoto *et al.*, 2023, p. 4).

Logo, durante a pandemia, as mães, principalmente, tiveram de adicionar às suas atribuições diárias a conferência dos estudos de seus filhos. Isso não quer dizer que elas já não realizassem essa prática, mas, devido ao ERE, foi necessário intensificar o hábito e, em alguns casos, incluir esse costume à rotina. Nesse sentido, os desafios ficaram acentuados, pois, além das atribuições do dia a dia que já eram exaustivas, agora as mães teriam de cumprir os ofícios escolares junto a seus filhos, conforme ressaltam os autores:

quando trabalho e escola invadem o ambiente doméstico, as mães se veem assoberbadas com tantos afazeres, que se avolumam e dizem mais suscetíveis à fadiga, cansadas ou em completa exaustão no final tomam quase todas as horas do dia e da noite. Por isso [as

mães] se dizem mais suscetíveis à fadiga, cansadas ou em completa exaustão no final do dia, além de terem de se manter em estado de alerta permanente, não podendo mais contar com o conforto propiciado pela escola na divisão da responsabilidade pela educação formal das crianças (Okamoto *et al.*, 2023, p. 6).

A pandemia também instigou uma transformação nas famílias: a reconexão. Por passarem um longo período juntos e por temerem pela vida de seus entes queridos, muitas pessoas começaram a valorizar mais a presença física de seus familiares e a buscarem contato, através das tecnologias disponíveis, com os mais distantes geograficamente. Além disso, mesmo que involuntariamente, a pandemia contribuiu para que os pais fossem mais participativos na vida escolar dos filhos, inteirando-se das suas dificuldades com a missão de ajudá-los e conhecendo melhor suas habilidades. Silva *et al.* (2013, p. 97) salientam que “a criança cuja família participa de forma mais direta no cotidiano escolar apresenta um desempenho superior em relação à que os pais estão ausentes do seu processo educacional”.

O contexto ao qual se refere esta dissertação não foi a realidade de todas as famílias, pois muitos profissionais, mesmo no isolamento, precisaram se deslocar para seus locais de trabalho, alguns dos quais prestavam serviços essenciais. Parte da população ficou sem trabalho ou precisou buscar outra forma de trabalho para sustentar a família. Nesta realidade, as relações familiares e o acompanhamento escolar do ensino remoto emergencial assim como os recursos disponíveis também se diferenciaram. Embora relevantes, não haverá detalhamento sobre esses aspectos no âmbito deste trabalho, uma vez que o foco está nas vivências das participantes às quais esta pesquisa se volta.

Diante do exposto, destaco a relevância da pesquisa e busco compreender, do ponto de vista das mães, como aconteceu esse processo de transformação social e escolar, no qual a pandemia desorganizou a rotina das famílias e afetou diretamente o funcionamento da escola. Nessa perspectiva, investigo o que as narrativas de mães que participaram ativamente do ensino remoto emergencial revelam acerca da ressignificação da escola e do aprender no contexto de COVID-19.

2.4 A MULHER NA INSTITUIÇÃO FAMÍLIA

Segundo Pereira (2008), a família é a principal instituição social da qual o indivíduo faz parte, pois é através dela que

todas as outras instituições se desenvolvem; é a mais antiga e com um caráter universal, pois aparece em todas as sociedades, embora as formas de vida familiar variem de sociedade para sociedade. A Organização das Nações Unidas (ONU), em 1984, refere a família como o elemento de base da sociedade e o meio natural para o crescimento e o bem-estar de todos os seus membros (Pereira, 2008, p. 43).

Durkheim (1973, p. 34), considerado pai da Sociologia, acerca das instituições sociais, afirma que

o ponto de partida é a família, o espaço privado das relações de intimidade e afeto, em que geralmente pode-se encontrar alguma compreensão e refúgio, apesar dos conflitos. É o espaço onde se aprende a obedecer a regras de convivência, a lidar com a diferença e a diversidade. Já a sociedade é uma realidade externa e anterior ao indivíduo, pois quando este nasce aquela já está constituída com seus costumes, conhecimentos e outros bens culturais.

A família, como instituição social, tem passado por transformações à medida que a sociedade se apropria de novas culturas. Sendo assim, segundo Soares (2021, p. 1), “a família moderna não é, senão, fruto de uma longa e lenta evolução, perpassando por diversas modificações e muitas delas são reflexo do impacto que as conquistas femininas causaram”. Nesse sentido, Vaitsman (1994, p. 32) diz que “a participação crescente das mulheres nas atividades públicas e a conquista de direitos formais de cidadania não apenas desafiaram a hierarquia sexual moderna, mas atingiram em cheio o coração da família”.

Ramos e Nascimento (2008, p. 46), por sua vez, assim se manifestam quanto às transformações que se fizeram necessárias na instituição familiar:

Há uma nova assunção de valores e papéis sociais que exigem que o núcleo familiar produza uma ressignificação muito intensa para assimilá-la. A mulher deixa de ser parte do privado e passa a ser integrante do público. Essa troca de papéis produz lacunas na criação dos filhos; da mãe-educadora surge a mãe-trabalhadora e com isso todas as variáveis implícitas nela. A família nesse contexto fica despreparada. Há uma insegurança grande por parte dos pais a respeito da educação dos filhos.

Em décadas passadas, eram exclusivamente atribuídas às mulheres as demandas domiciliares. Isso evidencia que a sociedade esperava por parte da população feminina um papel de dona de casa dedicada e atenta somente às necessidades do lar, dos filhos e do marido, sem haver a exigência de trabalhar fora, a fim de contribuir com a renda da família. Homem (1996, p. 41), por sua vez, refere-se a essa mulher como “pouco mais que ociosa, realizando trabalhos leves, dona de pouca instrução e confinada nos interiores de uma casa de aspecto severo e triste”. A descrição feita pelo autor sugere uma representação do papel feminino limitada aos ofícios domésticos e sem possibilidade de buscar uma educação formal voltada ao desenvolvimento profissional. Além disso, Homem (1996) sugere que as demandas do lar então imputadas às mulheres ocupavam o seu tempo de modo pouco significativo, caracterizando-as como improdutivas. Nos dias de hoje, é evidente a mudança social que ocorreu nesse aspecto, pois, no decorrer da história, a classe feminina buscou seus direitos, conquistas e igualdade. Com isso, adquiriu inúmeros feitos antes impensados, que acabaram resultando em novos desafios para as mulheres, afetando a dinâmica familiar, bem como seus ofícios diante da sociedade.

É perceptível, na escrita de Ramos e Nascimento (2008), uma problematização, ainda que o texto seja de praticamente quinze anos atrás, em ampliar os papéis sociais da mulher, pois, segundo eles, a ascensão feminina resulta em uma lacuna na criação dos filhos, deixando a família desassistida. Os autores pressupõem que, ao migrar do espaço privado para o público, ou seja, ao assumir o novo papel de “mãe-trabalhadora”, automaticamente a mulher anularia sua identidade como “mãe-educadora”, não conseguindo cumprir com ambas as funções simultaneamente. Essa percepção em relação ao feminino, além de ultrapassada é inadmissível nos dias de hoje, pois, cada vez mais, evidencia-se a habilidade da mulher em exercer múltiplos papéis com excelência. Na sociedade atual, é possível constatar que a mulher, ao longo do tempo, foi se adaptando e não medindo esforços para desempenhar todas os papéis que optasse por assumir: mulher-mãe, mulher-esposa, mulher-filha, mulher-amiga, mulher-profissional e tantas outras possibilidades que intencionasse materializar no decorrer de sua existência.

Segundo Wirth (2013, p. 2),

a modernização levou as mulheres a estudar e a se prepararem melhor para exercerem atividades especializadas. Na contemporaneidade elas são a maioria nas Universidades e estão ocupando, no mercado de trabalho, profissões antes só ocupadas pelo sexo masculino. Elas estão presentes nas construções civis, nas academias universitárias, na política, nas grandes empresas liderando e comandando.

A ascensão feminina no mercado de trabalho e nas instituições de ensino foi algo conquistado com muito esforço. Décadas se passaram até que à mulher fosse concedido o direito, por exemplo, de estudar. O anseio por desbravar novos desafios e conquistar novos espaços fez com que a sociedade ofertasse oportunidades profissionais, outrora concedidas apenas aos homens, às mulheres. Com isso, a busca por qualificação profissional tornou-se uma prioridade ao público feminino, que percebia, gradativamente, possibilidades surgirem no mercado de trabalho. Há então uma transformação no que diz respeito aos padrões de gêneros na contemporaneidade.

Como afirmam Follmann *et al.* (2017, p. 26), “na relação entre indivíduos sempre está presente a questão sobre quem é o indivíduo e quem são os outros em relação a ele, de forma consciente ou não. Ou seja, é nessa relação que se dá efetivamente o processo de identidade”. A mulher, ao assumir diferentes funções sociais, deparou-se com a sobrecarga de tarefas. Quirino (2015, p. 235) destaca que, “nas sociedades capitalistas, a mulher padece dessa dupla carga: a opressão, o preconceito, a marginalização pela sua condição feminina e, por outro lado, a exploração econômica, imputando-lhe uma dupla jornada como trabalhadora doméstica e assalariada”.

Com base no que foi ponderado até aqui, evidenciam-se questionamentos sobre algumas máximas acerca da distribuição do cuidado doméstico. A dupla jornada exercida, dia a dia, pelas mulheres é uma realidade que tem gerado reflexões e críticas. Muitas vezes, pode indicar a opressão de gênero, uma vez que o trabalho domiciliar não remunerado, somado à desvalorização salarial, indica que as mulheres podem estar sendo exploradas economicamente. Se a divisão do trabalho doméstico fosse proporcional entre os gêneros, haveria, certamente, mais igualdade, justiça e dignidade para as mulheres.

No ano de 2020, as dificuldades que já existiam foram agravadas pela pandemia de COVID-19, “ao levar em consideração o contexto de uma pandemia em escala global na qual as mulheres estiveram mais expostas ao risco de contrair o coronavírus, já que são a grande maioria dos profissionais de saúde, além de enfrentarem o desemprego e a sobrecarga dos cuidados devido à adoção de *lockdowns* para conter a disseminação do vírus” (ALMEIDA, 2022, p. 171). Ulrich *et al.* (2020, p. 558) dizem que, durante a pandemia, ficou ainda mais evidente o “quão “naturalizado” tem sido o cotidiano doméstico familiar como lugar e responsabilidade das mulheres e diametralmente desigual e sem equidade em relação aos homens”.

À vista disso, Bevilacqua (2020)¹⁰ salienta que, “além da violência que aumenta com a quarentena, o fato das pessoas estarem em casa escancara a desigual economia do cuidado, em que a responsabilidade e sobrecarga do trabalho doméstico e dos cuidados com doentes, crianças e idosos são das mulheres”. Nesse sentido, Ulrich *et al.* (2020, p. 560) reforçam que

as mulheres, como responsáveis pela economia do cuidado, estão diretamente envolvidas em todos os processos de manutenção da família, do cuidado e da garantia de certo equilíbrio emocional para as pessoas mais próximas, ao mesmo tempo em que perderam mecanismos e redes de apoio, como creches, escolas, vizinhas e familiares que antes as apoiavam em necessidades e emergências, mas agora estão separadas em isolamento social.

Embora as mulheres tenham conquistado novos espaços e avançado na garantia de seus direitos, enfrentam ainda adversidades significativas em diversos contextos sociais. Conforme Almeida (2020, p. 171), “apesar das mudanças ocorridas nas últimas décadas, a sobrecarga gerada pelos cuidados persiste como um dos pontos estruturantes das desigualdades de gênero na sociedade”. Além disso, persistem desafios relacionados à disparidade salarial, à pouca participação em cargos de liderança, ao feminicídio, entre outros.

Diante do exposto, complemento as observações apresentadas há 20 anos por Caixeta e Barbato (2004), as quais indicam que, no princípio do século XX, as informações obtidas acerca das mulheres e suas vivências relacionadas à rotina eram encontradas no âmbito doméstico através de diários ou cartas. No entanto,

¹⁰ Disponível em <https://agencia.fiocruz.br/mulheres-violencia-e-pandemia-de-novo-coronavirus>. Acesso em: 22 out. de 2022.

“com a recuperação da história oral e autobiográfica, as mulheres, entre outros grupos, passaram a ter sua história valorizada e contada não só no espaço doméstico, mas no público também” (Caixeta; Barbato, 2004, p. 211). Reforço, então, a importância do estudo das narrativas orais como possibilidade de compreender determinadas experiências sociais do ponto de vista daqueles que por elas passaram (Moita Lopes, 2021). Sob essa perspectiva, defendo que as vivências femininas têm muito a contribuir para a compreensão de alguns fenômenos sociais, como é o caso da presente pesquisa que dá voz às mulheres-mães a fim de que exponham suas percepções.

Sem dúvida, a família é a principal instituição social, o “ponto de partida” (Durkheim, 1973) e a base do indivíduo. O papel da mulher nesse núcleo se destaca de forma significativa, especialmente no que diz respeito às exigências e cobranças em relação a ela e à sua identidade de mãe. Essa realidade revela que o trabalho do cuidado é muito mais atribuído à mulher do que ao homem. No entanto, é importante salientar que, atualmente, em alguns contextos, isso está sendo repensado, pois a desigualdade de gênero ainda se apresenta de forma latente e evidencia que mudanças são necessárias.

As conquistas adquiridas pelas mulheres causaram modificações na família. Ao serem assumidos novos papéis, houve a necessidade de se adaptar à logística familiar, dividindo demandas, dando lugar ao protagonismo paterno e buscando uma distribuição equitativa das responsabilidades familiares a fim de que, efetivamente, ocorram transformações positivas nesse cenário. Uma vez que as mulheres constataram que são capazes de alcançar grandes realizações, não há quem as impeça. A mãe, esposa, amiga, filha, enfim, a mulher em suas múltiplas facetas continuará buscando formação adequada, almejando cargos de prestígio em empresas, assim como lutando por igualdade de oportunidades. A coragem e determinação das mulheres são inabaláveis e, conforme mais e mais mulheres unirem suas forças em busca de novos objetivos, o amanhã se tornará igualitário e próspero.

A seguir, serão apresentadas algumas perspectivas teóricas acerca do estudo das narrativas. Como principais autores para esta discussão, têm-se Bastos e Biar (2015), Flannery (2015) e Moita Lopes (2021).

2.5 NARRATIVAS

Desde a primeira infância, com a aquisição da linguagem, somos instigados a contar histórias. Inicialmente, emergem as narrativas orais, que passam a permear nossa vida. Posteriormente, adquirimos novos conhecimentos e habilidades que viabilizam outras formas de reportar eventos narrativos — podemos contar histórias através da oralidade, da escrita, de meios digitais, entre outros.

Bruner (1986) afirma que a linguagem se apresenta de modo natural e comum à sociedade. Podemos declarar que o mesmo ocorre com as narrativas, pois o ato de contar histórias está imbricado no ser humano de modo inerente. Ademais, existem estudos que observam a narrativa como um processo cognitivo (De Fina, 2012).

Mira e Custódio (2022, p. 2) destacam que as narrativas orais

são um objeto de investigação da interação e de sua própria constituição que aborda os aspectos discursivos e linguísticos da comunicação face a face. Analisando as narrativas cotidianas, por exemplo, é possível identificar o mundo social que se configura por meio da produção discursiva cotidiana que é o ato de contar histórias.

Bastos e Biar (2015, p. 99) definem narrativas como “o discurso construído na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situação de entrevista para pesquisa social”. Visando especificar essa área de estudos linguísticos, Flannery (2015, p. 14) afirma que a narrativa tem

como material de interesse textos orais ou escritos nos quais experiências pessoais são recapituladas, obedecendo-se a uma sequência temporal. Há, porém, uma escola de pensamento que nega a estrutura rígida do formato narrativo tal como prescrita por Labov e Waletzky (1967). De fato, argumenta-se que a sequência temporal pode não ser característica mais significativa do texto narrativo e que, para algumas culturas, a preocupação é com a realização de ações em si mesma (Sarris, 1991; Scollon; Scollon, 1984), e não necessariamente com a organização do texto narrativo.

Flannery (2015) também ressalta que recapitular experiências é apenas um modo de relatar acontecimentos, pois existem histórias que narramos sem que elas tenham de fato acontecido. Nesse sentido, somos capazes de construir narrativas nas quais nem sempre somos os protagonistas. É habitual narrarmos aos interlocutores acontecimentos ocorridos com atores sociais diversos, visto que

somos dotados de grande aptidão para recontar fatos que experienciamos e/ou observamos em nossa trajetória de vida.

De acordo com Moita Lopes (2021, p. 13),

ouvir/ler histórias relatadas por aqueles que vivem as práticas sociais que desejamos estudar se torna também um modo de compreendê-las da perspectiva daqueles que nelas vivem, sofrem, trabalham, amam etc., com base em suas vivências e experiências.

As narrativas possibilitam a representação de nossas ações no mundo, a compreensão de fenômenos sociais em diferentes contextos de interação, o entendimento a respeito da função dos atores sociais e a percepção acerca de determinados papéis sociais. Bastos (2015) afirma que, ao contar histórias, situamos os outros e a nós mesmos numa rede de relações sociais, de crenças, de valores. Ao narrar um evento, manifestamos significados específicos e situados (Moita Lopes, 2021) e, através das narrativas, segundo Flannery (2015, p. 11), “criamos e representamos a nossa fala” numa rede de interação comunicacional.

Os atores sociais, no decorrer de suas vidas, atuam em sociedade, por meio da linguagem, e é nessa ação extremamente significativa às práticas cotidianas que temos a recorrência de narrativas. Por esse motivo, segundo Flannery (2015), o estudo da narrativa não se restringe à compreensão de fenômenos linguísticos, mas também a outras análises. Há diversas áreas do conhecimento que buscam respostas nesse modelo de investigação.

Por proporcionar a construção de relações, as narrativas e suas manifestações revelam “aspectos relativos às formas de querer ser visto e entendido no mundo que projetamos nas histórias que contamos” (Flannery, 2015, p. 12). Em outras palavras, as narrativas demonstram a forma com que cada ator deseja ser considerado diante da sociedade. Ademais, a narrativa desempenha um importante papel social, pois evidencia a forma como o indivíduo percebe a si mesmo e aos que o cercam, suas crenças e valores. Por intermédio das narrativas, estruturamos nosso pensamento sobre o mundo e somos capazes de externá-lo, transcendendo nossas vivências.

Bastos e Biar (2015, p. 98) mencionam que “contando histórias, os indivíduos organizam suas experiências de vida e constroem sentido sobre si mesmos; analisando histórias, podemos alcançar e aprofundar inteligibilidades sobre o que acontece na vida social”. Além disso, as autoras destacam que a narrativa, enquanto

uma prática discursivo-interacional social e situada, sistematiza a experiência humana e constrói sentidos culturalmente relevantes.

Nesse sentido, o estudo de narrativas é uma ciência que favorece o entendimento a respeito da maneira como se estabelecem as relações interacionais. É possível identificar, por meio dessa análise, o modo como a sociedade se organiza e se constitui. Da mesma forma, conseguimos observar como os papéis sociais se estabelecem. Através das narrativas, podemos examinar e compreender determinados eventos na sociedade a partir da perspectiva do narrador e do contexto discursivo no qual está inserido.

Em suma, estudar as narrativas implica identificar seu papel discursivo-interacional na performatização de sentidos sobre o mundo social, as sociabilidades que o habitam e compreender a vida social. Por esses motivos, torna-se relevante essa temática de pesquisa no campo da Linguística Aplicada. Sendo assim, há díspares estudos científicos que analisam diversos contextos em que se manifestam as narrativas. No caso desta pesquisa, utilizarei dados gerados por meio de entrevistas, para compreender as experiências do universo escolar, durante o contexto da pandemia de COVID-19.

A fim de auxiliar na interpretação das narrativas, utilizarei os preceitos de Bamberg (2002) para evidenciar os posicionamentos discursivos presentes nos dados que serão trazidos. Para isso, apresento, na próxima seção, os três níveis de posicionamento.

2.6 POSICIONAMENTO DISCURSIVO

A respeito do posicionamento discursivo, Langenhove e Harré (1999, p. 17) afirmam que, nesse tipo de análise, “o foco está em como as práticas discursivas constituem os falantes e ouvintes de certas maneiras e, no entanto, ao mesmo tempo, são um recurso pelo qual os falantes e ouvintes podem negociar novas posições”.

Follmann *et al.* (2017, p. 26), ao encontro disso, ressaltam que, “na relação entre indivíduos sempre está presente a questão sobre quem é o indivíduo e quem são os outros em relação a ele, de forma consciente ou não”. Dessa forma, o

posicionamento pode sofrer transformações dependendo do modo e do contexto no qual um sujeito interage com o outro.

A interação com pessoas diferentes possibilita vivências diversas que, no decorrer do tempo, contribuem para a construção da individualidade. Ao estar em contato com a sociedade e experienciando novas práticas, o indivíduo conduz sua identidade a esse processo contínuo de formação. Por esse motivo, fala-se que o processo de identidade também ocorre de forma coletiva e não apenas individual.

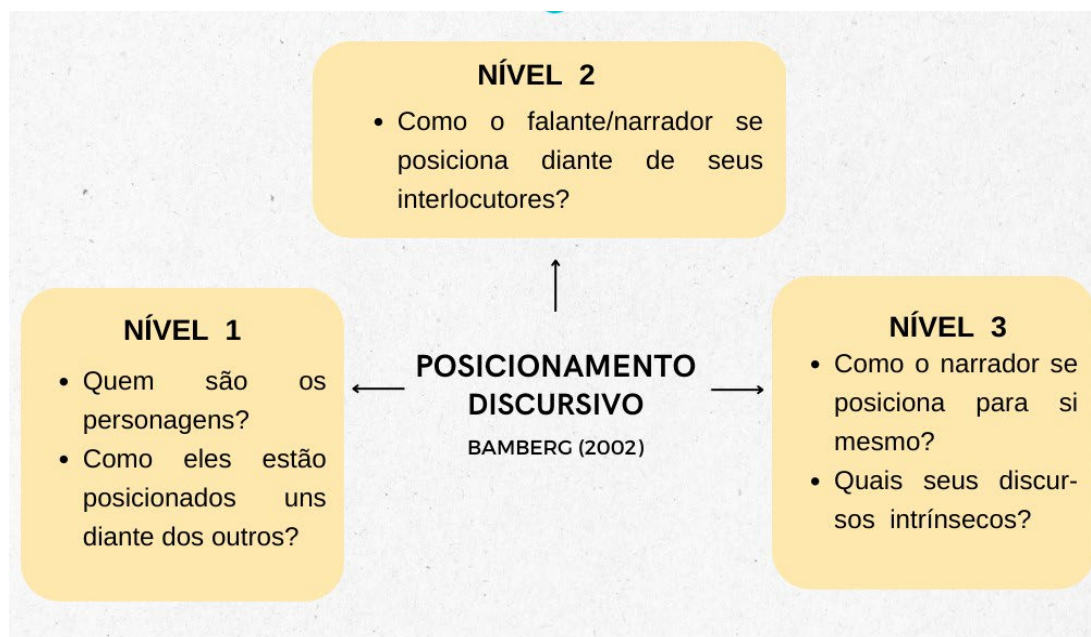
Desse modo, a identidade emerge através do convívio social, bem como dos processos de construção de identidade de outros sujeitos. Acerca disso, Berlatto (2009, p. 143) expõe que “não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a uma outra [pessoa]”.

A forma como o sujeito conta sua história revela o modo como ele se percebe na sociedade e o modo como gostaria de ser reconhecido por ela, ou seja, através do discurso, é possível constituir uma identidade e um determinado posicionamento. Conforme George Mead (2009), é na interação que as narrativas emergem e, por meio delas, as pessoas se encontram numa contínua transformação.

Nesse contexto de análise de narrativas, uma das formas de organizar o discurso reportado é através dos níveis de posicionamento sugeridos por Bamberg (2002). Nesse formato de investigação, “dedica-se atenção especial aos processos nos quais o significado pessoal e cultural passa a existir” (Bamberg, 2002, p. 156).

Segundo o autor, uma possibilidade de análise de fala em interação no contexto de narrativas é através de três categorias distintas de ordenação dos elementos que constituem a narrativa: nível 1, nível 2 e nível 3 - conforme sintetiza o diagrama da Figura 2. Essas categorias, embora descritas de modo independente, podem se apresentar inter-relacionadas.

Figura 2 - Posicionamentos discursivos



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Bamberg (2002).

Amaral e Pereira (2020) destacam que “cada nível de posicionamento tem um foco: no nível 1, o conteúdo da história; no nível 2, o âmbito interacional; no nível 3, o posicionamento do narrador diante de discursos culturais, ou seja, em dimensão mais macro” (Amaral; Pereira, 2020, p. 288). A fim de esclarecer a observação destinada aos níveis de posicionamento, especifico brevemente as principais características de cada categoria.

No primeiro nível de posicionamento proposto por Bamberg (2002), a história se apresenta em fase de construção. Sendo assim, os personagens são exibidos e já são indicadas as formas de posicionamento em suas relações, ou seja, é possível identificar, por exemplo, quem representa o papel de protagonista ou antagonista da narrativa.

Através do segundo nível, ficam evidentes justificativas pelas quais o narrador reportou a história em dado momento da interação comunicativa, isto é, por que o narrador opta por determinado ponto específico da conversa para narrar a história. Por fim, o terceiro nível apresenta a função discursiva da narrativa, destacando a forma como os narradores se posicionam para si mesmos, ou seja, o modo como o sujeito se percebe diante da sociedade.

Após apresentados os pressupostos teóricos que embasam a dissertação, a próxima seção será destinada à exposição da metodologia utilizada para a

condução da pesquisa. Serão apresentadas com mais detalhes as participantes e o contexto no qual esta investigação está situada.

3 METODOLOGIA

A fim de responder às questões de pesquisa, foi realizado um estudo qualitativo-interpretativista, com o propósito de compreender como as mães de estudantes do ensino fundamental constituem suas narrativas acerca das vivências escolares durante a pandemia de COVID-19.

Conforme Denzin e Lincoln (2006), os fundamentos da pesquisa qualitativa emergiram da sociologia e da antropologia. Schwandt (2006) afirma que, embora os estudos de sociólogos e antropólogos já apresentassem investigações qualitativas há longo prazo, foi somente na década de 1970 que esse tipo de pesquisa se consolidou.

Vieira e Zouain (2005) destacam a relevância dada pela pesquisa qualitativa “aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles”. Dessa forma, esse tipo de investigação científica preza pela descrição minuciosa dos fenômenos e dos elementos que a compreendem.

Creswell (2007) ressalta que, no estudo qualitativo, mais relevante que o resultado final é o processo pelo qual o mesmo transcorre. Além disso, o autor destaca como importantes os seguintes critérios:

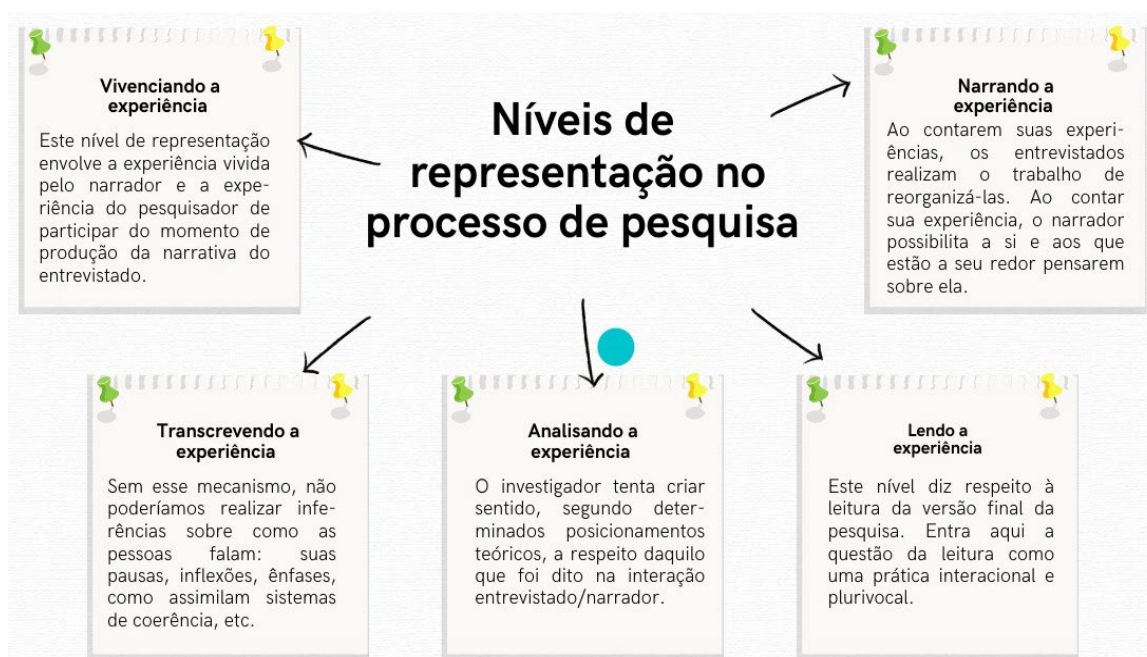
a pesquisa qualitativa ocorre em um cenário natural. O pesquisador qualitativo sempre vai ao local (casa, escritório) onde está o participante para conduzir a pesquisa. Isso permite ao pesquisador desenvolver um nível de detalhes sobre a pessoa ou sobre o local e estar altamente envolvido nas experiências reais dos participantes (Creswell, 2007, p. 186).

Nesse sentido, a investigação de caráter qualitativo examina fenômenos sociais e a forma como as pessoas reagem, empiricamente, diante do ocorrido. A análise feita na pesquisa qualitativa é considerada como um estudo naturalístico, segundo Paiva (2019) e Creswell (2007). Além disso, esse tipo de pesquisa considera uma perspectiva mais interpretativa das experiências dos envolvidos. São ponderadas questões subjetivas acerca das vivências e da história de vida dos participantes.

Em seus estudos, Riessman (1993) indica que existem cinco níveis de representação necessários para que o desenvolvimento da pesquisa aconteça nos parâmetros científicos: vivenciando a experiência, narrando a experiência,

transcrevendo a experiência, analisando a experiência e lendo a experiência, conforme ilustra a Figura 3.

Figura 3 - Níveis de representação no processo de pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Riessman (1993).

Segundo Riessman (1993), as pesquisas que optam por entrevistas como metodologia, como é o caso da investigação aqui proposta, corroboram para uma análise mais detalhada dos dados, visto que envolvem o contexto interacional. Dessa forma, possibilita verificar o modo pelo qual determinado grupo social compõe suas práticas discursivas diante de certo contexto.

Foram propostos, nesse estudo, questionamentos mais concretos e relativos ao cotidiano das participantes envolvidas, conforme Da Silva (2005). Isso incentiva os locutores a narrarem com espontaneidade. Consoante a autora,

as perguntas são formuladas exatamente para irem além da espontaneidade em direção ao que, por várias razões, não é comumente dito. Com frequência, o não dito, por exemplo, uma premissa implícita que se omite, pode ser o conteúdo principal relacionado ao objeto de pesquisa (Da Silva, 2005, p. 71).

Assim, à medida que a narrativa se desenvolvia, novas perguntas eram realizadas a fim de se obter mais detalhes que enriqueceriam a posterior análise interpretativista.

3.1 A ENTREVISTA NARRATIVA

Para Mishler (1986), a entrevista se configura como um evento interacional e discursivo no qual o diálogo entre os participantes se apresenta de forma coconstruída. Isso acontece porque tanto o entrevistador como o entrevistado buscam, através do discurso, produzir sentido em conjunto, acordando, partilhando e negociando significados. Acerca disso, Campos (2013) diz que, no decorrer do processo,

entrevistado e entrevistador realizam diversas atividades, como, por exemplo, sinalizar um para o outro as trocas de turno, o que lhes permite manter a interação em andamento e monitorar as impressões que causam um sobre o outro (Campos, 2013, p. 104).

Por ser “dinâmica, dialógica e imprevisível” (Campos, 2013), a entrevista fomenta um processo colaborativo com a participação ativa de todos os envolvidos. Em vista disso, Mishler (1986) destaca que a entrevista favorece a manifestação das narrativas, uma vez que instiga o integrante ao ato de narrar acontecimentos nos quais ele se encontra inserido. Pode-se dizer que, assim como a narrativa, a entrevista dá voz àqueles que atuam num determinado cenário social. A entrevista narrativa integra um dos diversos métodos da pesquisa qualitativa, pois, ao analisá-la, podemos melhor compreender “como e por que as pessoas contam histórias” (Bastos; Santos, 2013, p. 13).

Conforme afirmam Clandinin e Connely (2000, p. 20), a narrativa é “uma forma de entender a experiência”. No caso aqui apresentado, busco investigar o posicionamento discursivo das participantes para então entender o fenômeno do ensino remoto emergencial e seu impacto sobre a rotina, através das experiências relatadas pelas mães.

Por se tratar de uma metodologia qualitativa, a entrevista narrativa permite que identifiquemos, através de eventos discursivos, o modo com o qual a fala é construída no ato comunicativo, a forma como as pessoas se situam em diferentes

contextos sociais, bem como os posicionamentos linguísticos e sociais de um certo público.

Acerca desse método, Bastos e Santos (2013, p. 11) afirmam que, na entrevista narrativa,

o foco de análise recai sobre como a fala é construída em entrevista, o que possibilita a compreensão, entre outros elementos, de como as pessoas produzem avaliações sobre o mundo e como gerenciam suas identidades sociais em contextos de entrevista específicos.

Diante disso, Santos (2013, p. 27) ressalta que utilizar a narrativa como forma de pesquisa torna-se interessante porque

se trata de um instrumento através do qual as pessoas atribuem unidade e coerência à sua existência, e o estudo de como as pessoas costuram elementos dispersos para realizar essa construção pode ajudar na compreensão de como essas produções dão forma ao significado da existência humana no âmbito pessoal e coletivo em vários contextos sociais.

Riessman (1993, p. 2) indica que “análises em estudos da narrativa se abrem para formas de contar sobre a experiência, não simplesmente para o conteúdo ao qual as línguas se referem. Nós perguntamos: por que a história foi contada daquela maneira?”.

Esta pesquisa, portanto, é de natureza qualitativa e interpretativa, buscando entender a vida social (Bastos; Biar, 2015). Segundo Santos (2013, p. 25), por considerarmos a narrativa como uma performance situada, “há forte tendência em se trabalhar com entrevistas não estruturadas”, nas quais as respostas dadas pelo participante decorrem de suas próprias vivências.

Sendo assim, o estudo apresenta entrevistas realizadas com mulheres que tiveram uma vivência significativa em relação à escola durante o período de pandemia. A narrativa das participantes pôde ser coconstruída ao longo da entrevista, pois, como pesquisadora e professora, também experienciei as alterações cotidianas em razão da suspensão das aulas presenciais. Por termos em comum o contexto escolar, apresentamos uma relação próxima e turnos de fala espontâneos, o que facilita o fluxo de interação.

É necessário dizer ainda que, por meio de sobreposição de fala, foi possível

perceber que a interação discursiva se desenvolve livremente, bem como os pontos de vista semelhantes acerca das consequências do ensino remoto na educação básica.

Na investigação qualitativa, os dados possibilitam a compreensão de como se apresentam as narrativas de mães responsáveis por estudantes que tiveram de se ausentar da escola no período de COVID-19. Esses dados proporcionam reflexões acerca da temática envolvida, bem como contribuições para o âmbito escolar ao entender, do ponto de vista das mães, como se deu esse fenômeno.

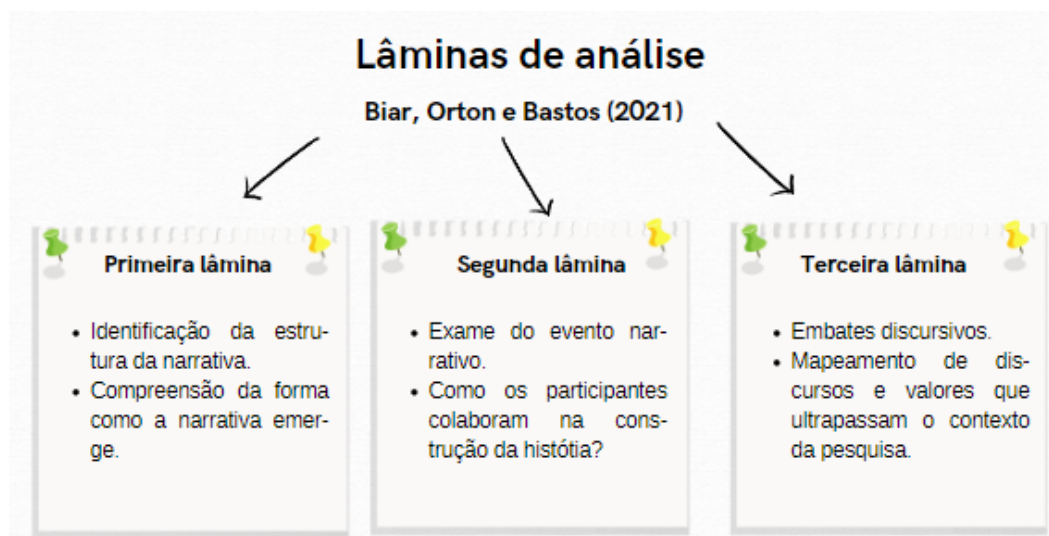
Após expor as especificidades do estudo qualitativo e particularizar a entrevista narrativa nessa pesquisa, apresento, na próxima seção, estudo proposto por Biar, Orton e Bastos (2021), que aponta três categorias como possibilidade de análise de dados oriundos de narrativas orais. Dessa forma, ficam descritas, de modo minucioso, as características de cada lâmina, que posteriormente serão utilizadas na apreciação dos dados.

3.2 AS LÂMINAS DE ANÁLISE

A análise dos dados desta pesquisa terá como escopo os pressupostos teóricos das narrativas orais. Como categoria de análise científica das narrativas, utilizaremos o recente estudo proposto por Biar, Orton e Bastos (2021), a fim de examinar a história narrada pelas participantes.

As autoras sugerem a observação dos dados dividindo-os em três lâminas de investigação. A Figura 4 apresenta uma síntese acerca das categorias propostas.

Figura 4 – Categorias de investigação



Fonte: Elaborada pela autora, com base em Biar, Orton e Bastos (2021).

As lâminas de análise, formas diferentes de observação de um determinado dado, dividem-se em três categorias: organização do mundo narrado; relações construídas no mundo narrativo; diálogos com discurso macro (Biar; Orton; Bastos, 2021). O objetivo dessas categorias de análise consiste em explorar um contexto sociocultural macro através de microanálises, visto que, conforme as autoras:

nessas laminações, operamos a partir da materialidade linguística e interacional dos dados, que entendemos serem índices que apontam para o contexto sociocultural mais amplo, espécie de nexos entre as dimensões micro e macro. Realizar essa ligação é o cerne do trabalho interpretativo em análises discursivas (Biar; Orton; Bastos, 2021, p. 240).

De acordo com o que foi apresentado, as autoras indicam que as narrativas devem ser observadas por meio de três lentes de análise, na seguinte ordem: estrutura da narrativa, ordem da interação e embates discursivos. Essas categorias, embora sejam divididas de formas distintas, complementam-se. Portanto, não devem ser consideradas como desassociadas.

Na primeira lâmina, isto é, na primeira forma de observar a narrativa, busca-se responder a perguntas como:

De onde essa história começa? O que constitui seu prefácio, sua ação complicadora, resolução e coda? Que avaliações são feitas durante a história e o que tudo isso indexa em relação ao modo

como o narrador se posiciona em relação aos personagens e ações narradas? (Biar; Orton; Bastos, 2021, p. 241).

Através da primeira lâmina, podemos identificar a estrutura pela qual a narrativa foi constituída, compreendendo, por exemplo, a forma como emerge a narrativa, assim como os motivos pelos quais os fatos narrados ocorrem de determinado modo e não de outro.

Na segunda lâmina, são verificados aspectos voltados à ordem interacional, explorando as relações construídas no mundo narrativo por meio de uma sequencialidade. As autoras afirmam que, nessa etapa da análise, compreende-se “a dimensão situada em que as narrativas foram coproduzidas pelos(as) participantes” (Biar; Orton; Bastos, 2021, p. 241). Nesse sentido, a segunda lâmina busca responder às questões: “Como os participantes cooperam na construção da história? Como os eventuais desconfortos e constrangimentos interacionais são negociados?” (Biar; Orton; Bastos, 2021, p. 241).

A última lâmina de análise, segundo as autoras, possui um “nível mais *macro* de interpretação discursiva, olhando para vozes e visões de mundo que extrapolam o local específico de enunciação e o sujeito que as enuncia, e que habitam o contexto da pesquisa” (Biar; Orton; Bastos, 2021, p. 242). Dessa forma, mapeamos discursos, crenças e valores emergentes de vivências pelas quais o participante foi sujeito no decorrer de sua trajetória pessoal. Assim, os questionamentos para análise são:

Quais são os discursos que participam dos embates para legitimar sentido? Que índices apontam para esses discursos? Como os participantes parecem estar se posicionando em relação a esses discursos (Aderindo? Naturalizando? Contestando?) (Biar; Orton; Bastos, 2021, p. 242).

Conforme mencionado, as três lâminas de análise propostas pelas autoras não devem ser examinadas de forma excludente, isto é, ao selecionarmos um excerto para análise, considerando o primeiro nível de categorização, por exemplo, podemos ainda examiná-lo nos segundo e terceiro níveis.

3.3 ASPECTOS ÉTICOS

Para a geração de dados, foram realizadas entrevistas não estruturadas, as quais, segundo Santos (2013, p. 25),

não seguem um roteiro previamente elaborado, rígido e [que] não são conduzidas pelo entrevistador de forma a levar o entrevistado a elaborar uma resposta que venha ao encontro de uma suposição teórica prévia. Além disso, a entrevista não estruturada favorece a emergência de narrativas.

Nesse sentido, a presente pesquisa buscou possibilitar um diálogo no qual as participantes se sentissem à vontade para expor suas percepções e considerações acerca do assunto, sem a necessidade de apresentar respostas definitivas, já que o objetivo era de conhecer as experiências individuais de cada uma, assim como suas reais concepções acerca do assunto em foco.

Mishler (1986) entende por entrevista um modo de discurso, um evento de fala que deve ser entendido como regulado e conduzido “por normas de apropriação e relevância que fazem parte das competências compartilhadas por falantes como membros de uma comunidade” (MISHLER, 1986, p. 137). Nesse sentido, os dados das entrevistas devem ser considerados como “construções discursivas coparticipativas” (SANTOS, 2013, p. 27).

As entrevistas deste trabalho foram realizadas no mês de junho de 2022, posterior à aprovação do projeto de pesquisa pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa), com aprovação sob o CAAE 58302822.0.0000.5344. Devido ao contexto de pandemia de COVID-19 e por serem recomendados os protocolos de combate ao vírus, os cuidados com as entrevistadas tornaram-se imprescindíveis. Desse modo, as entrevistas foram previstas a serem realizadas em uma escola estadual, situada na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, ou por videoconferência, consoante a escolha de cada participante. Entretanto, ao receberem o convite, as mães optaram por me receber em suas casas.

O ambiente escolar foi disponibilizado para receber as mães, visto que possuo proximidade com essa comunidade por fazer parte do corpo docente da instituição. Por estar inserida no contexto dessa escola, disponho de contato com pais e mães dos alunos de séries iniciais e finais do ensino fundamental. O contato

com estudantes das séries iniciais se dá pelo fato de alguns desses serem irmãos de alunos matriculados nos anos finais, séries nas quais atuo como docente.

Embora houvesse a disponibilidade para os encontros acontecerem na instituição ou por videoconferência, as participantes preferiram que as entrevistas fossem realizadas em suas residências. Destaca-se que, naquela época, as aulas presenciais já haviam retornado, embora sua adesão ainda pudesse acontecer de forma facultativa. Com isso, as famílias se sentiram mais à vontade e optaram pelo encontro presencial.

Todas as entrevistas foram conduzidas em horários previamente agendados e aprovados pelas participantes, assim como realizadas de forma individual. O discurso interacional foi registrado através de gravações de áudios, com o consentimento das envolvidas, e anotações pertinentes ao comportamento e gestos das participantes, a fim de considerarmos também como informações da pesquisa “a linguagem corporal” das entrevistadas (SANTOS, 2013, p. 28).

Antes de iniciar a pesquisa, foi realizado o contato com as possíveis participantes, a fim de que a todas fosse apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como ficassem cientes da relevância e propósito da pesquisa.

Ao concordarem em participar da investigação, as voluntárias foram informadas a respeito de que eu estaria à disposição para esclarecimentos sobre a pesquisa, podendo fazer contato por e-mail ou por telefone, ambos fornecidos às participantes. Conforme o TCLE, as voluntárias poderiam revisar as transcrições e/ou excluir parcial ou totalmente a gravação, se assim desejassem. No entanto, isso não foi solicitado pelas participantes.

Os dados gerados e gravados foram armazenados e guardados em local seguro, em mídia protegida por senha, além de *drives online*, aos quais apenas eu tenho acesso. As informações são rigorosamente confidenciais, os nomes são fictícios, escolhidos pelas participantes, preservando suas identidades.

Nesta pesquisa há riscos relacionados à possibilidade de a participante se sentir desconfortável durante a entrevista. Neste caso, conforme descrito anteriormente, foi devidamente informado que a participante deveria sinalizar imediatamente para que se pudesse verificar a melhor forma de conduzir a situação. Todas as informações relativas à metodologia da pesquisa foram expostas no termo

que foi lido e assinado na ocasião da entrevista.

3.4 AS PARTICIPANTES

A pesquisa teve como participantes voluntárias 4 mães de estudantes das séries iniciais e finais do ensino fundamental: duas mães dos anos iniciais e duas dos anos finais. Essas participantes faziam parte de um dos ambientes escolares no qual atuo como docente. Por já conhecê-las na comunidade escolar, fiz inicialmente o convite a elas, as quais prontamente concordaram em participar da pesquisa.

Para chegar a essas participantes, além de se considerar seu aceite, era necessário que tivessem tido contato com crianças, em idade escolar correspondente aos quintos e nonos anos do ensino fundamental, e fossem responsáveis pelas demandas escolares dessas crianças durante a suspensão das aulas presenciais nas instituições de ensino, em decorrência do coronavírus.

No momento da pesquisa, no ano de 2022, os alunos do quinto ano apresentavam as idades de nove e dez anos. Os estudantes do nono ano tinham idade entre quatorze e dezesseis anos. Saliento que esses discentes foram meus alunos durante dois anos letivos, 2020 e 2021, no período de pandemia.

O primeiro contato feito com as participantes ocorreu de formas diferentes: com duas mães aconteceu através de mensagem via *whatsapp*, pois, por ter sido professora de seus filhos durante a pandemia, nos anos letivos de 2020 e 2021, já possuíamos uma comunicação prévia. Nesses casos, fazíamos parte de grupos de *whatsapp* referentes às respectivas turmas dos alunos. Com isso, compartilhávamos nossos números telefônicos.

Essas participantes aceitaram o convite e trataram de informar sua disponibilidade para o encontro, que poderia ser presencial ou *online* - a critério de cada voluntária da pesquisa. Ambas optaram por serem entrevistadas em suas casas. Com as demais participantes do estudo, o convite foi feito de forma presencial, assim como ocorreram as entrevistas posteriormente.

As responsáveis pelos estudantes poderiam escolher o local de realização da entrevista, feita no ano de 2022, sendo apontados como sugestão: a escola,

conforme autorização da equipe diretiva, ou então através de videochamadas, visto que algumas pessoas da comunidade escolar ainda demonstravam apreensão quanto ao contágio do vírus. As integrantes da pesquisa, no entanto, preferiram participar em suas casas. Acredito que, após um período longo de distanciamento social, sem acesso a pessoas que faziam parte dos seus contatos diários, as mães tenham sentido vontade, e até mesmo necessidade, de me receber em suas casas, a fim de retomar a interação social, por ora prejudicada. Além do mais, a escola talvez remetesse a um ambiente mais formal, sem tanta privacidade e naturalidade para conversar. Todas as mães entrevistadas foram extremamente receptivas, cordiais e preocuparam-se em preparar um ambiente acolhedor com chimarrão, biscoitos, amendoim, chás e frutas para me receber. Durante esse período, todas residiam na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

O Quadro 1 sintetiza as informações relacionadas à profissão das participantes, considerando também os estudantes pelos quais eram responsáveis, respectivos anos escolares, data e duração da entrevista.

Quadro 1 – Participantes da pesquisa

PARTICIPANTE	PROFISSÃO	FILHO/FILHA	ANO ESCOLAR	DATA DA ENTREVISTA	DURAÇÃO DA ENTREVISTA
NICOLE	AGENTE DE SAÚDE	SOFIA	9º ANO	03/06/2022	19:09
ALESSANDRA	TÉCNICA EM ENFERMAGEM	MATEUS; RAFAEL	5º ANO	09/06/2022	27:13
ALINE	EMPRESÁRIA	VANESSA; HELENA; CLEÓPATRA; RODRIGO	5º E 9º ANOS	22/06/2022	32:35
IVONE	AUTÔNOMA	JOÃO; PEDRO	9º ANO	30/06/2022	17:37

Fonte: Elaborado pela autora.

Os nomes indicados no Quadro 1 são fictícios e foram escolhidos pelas próprias participantes da pesquisa. Esta estratégia foi utilizada, a fim de preservar a identidade de todos os envolvidos. Há ainda informações acerca das profissões das mães: metade atua na área da saúde, e as demais têm ocupações autônomas e

empresariais. Além disso, são especificados os anos escolares frequentados pelos filhos das participantes, bem como o tempo de entrevista dedicado a cada uma das mães (entre 17 minutos a 32 minutos) e suas respectivas datas de realização.

Nas datas agendadas, as participantes foram convidadas a contar como ocorreram as demandas escolares de seus filhos durante a suspensão das aulas presenciais em decorrência da pandemia de Covid-19, a forma como elas adaptaram a realidade da família ao novo cenário de ensino remoto e como as crianças lidaram com as mudanças na rotina escolar.

Para esta dissertação, foram selecionados excertos de entrevistas de duas participantes: Nicole e Aline. Os dados de Alessandra e Ivone estão sob minha guarda para futuras investigações e não serão considerados neste trabalho, pois haveria a necessidade de um processo de transcrição e análise que, pelas restrições de tempo, tornou-se inviável. No entanto, as referidas narrativas poderão ser utilizadas para a complementação e ampliação das reflexões geradas nesta dissertação. Mesmo com tal limitação, entendo que as análises aqui apresentadas produziram informações que amparam a discussão empreendida.

Por ter sido a primeira entrevistada, a transcrição de dados iniciou a partir da gravação de Nicole. Posteriormente, ao analisar a narrativa de Nicole, percebi que alguns aspectos mencionados iam de encontro ao que foi descrito por Aline. Então optei por exibir o contraste de realidade e de percepção entre as mães.

A seguir, na próxima seção, apresentarei algumas especificidades da participante Nicole. Logo após, compartilharei as características de Aline.

3.4.1 Participante Nicole

Com 39 anos, à época da entrevista, optando pelo nome Nicole, é servidora pública, trabalha como agente de saúde em um município da região metropolitana de Porto Alegre, e tem uma filha - a qual chamou de Sofia - matriculada no nono ano do ensino fundamental em uma escola pertencente à rede estadual de ensino. Além de Sofia, a participante tem envolvimento diário com sua outra filha, dois netos, pais idosos na mesma residência e alguns sobrinhos que frequentam sua casa constantemente.

Nicole é uma mãe extremamente ativa no âmbito escolar: faz-se presente em

todas as reuniões, conselhos de classe participativos, festas e comemorações diversas, entre outros momentos de integração entre escola e comunidade. A participante é conhecida, entre os professores e funcionários da escola onde leciono, por estar sempre disposta a colaborar e a engajar-se em práticas educacionais.

Um dos motivos pelos quais essa participante foi convidada se deve ao fato de ter feito parte do meu convívio diário do ano de 2019 a 2021, pois sua filha foi minha aluna do sexto ao oitavo ano do ensino fundamental. Essa aproximação viabilizou o envolvimento e a adesão de Nicole ao estudo.

No ano de 2022, Sofia avançou para o nono ano do ensino fundamental e foi necessária uma mudança de turno de suas aulas. Depois de um longo tempo estudando à tarde, mesmo período em que me faço presente nesta escola, a menina migrou para o turno da manhã. Sendo assim, Sofia não pertenceria mais às turmas às quais ministrava o componente curricular de Língua Portuguesa. No entanto, por termos desenvolvido um vínculo, mantínhamos contato através de redes sociais e eventualmente nos encontrávamos em eventos da escola. Dessa forma, foi feito o convite à Nicole, mãe de Sofia, através de mensagem via *WhatsApp* no mês de maio de 2022, e a mesma aceitou, colocando-se à disposição da pesquisa. Todos os aspectos referentes à participação no estudo foram explicados e foi ressaltado que, a qualquer momento, era possível a desistência sem haver nenhum ônus à entrevistada.

Inicialmente, havia sido agendada a entrevista para o dia 31 de maio, mas Nicole acabou sendo chamada, às pressas, para uma reunião no sindicato onde participa e precisou cancelar o encontro. No entanto, rapidamente foi agendada uma nova data, sendo a entrevista realizada no dia 3 de junho de 2022, no período da tarde, na casa de Nicole, que ficava próxima à escola em questão.

A participante narra que um dos maiores desafios durante a pandemia foi se afastar do trabalho presencial concomitante à suspensão das aulas e à precoce contaminação do vírus da COVID-19 entre os entes de sua família.

3.4.2 Participante Aline

A segunda participante optou pelo nome Aline, tem 41 anos, é mãe de 4 estudantes da escola onde leciono. Na data da entrevista, Rodrigo, seu filho mais

velho, fazia parte do nono ano, enquanto as filhas do meio, as gêmeas Helena e Cleópatra, estavam no sétimo ano, e a filha mais nova, Vanessa, no quinto. Embora esse trabalho tenha como foco os quintos e nonos anos, por ter as filhas no sétimo e fazerem parte da mesma comunidade escolar, Aline traz, em sua narrativa, algumas experiências relacionadas a elas também.

Aline é empresária nos ramos automotivo e gastronômico. Possui duas empresas em municípios distintos no Rio Grande do Sul, sendo uma próxima à sua residência, na qual seus filhos auxiliam diariamente, e outra em cidade próxima. A participante e sua família se destacam na comunidade escolar pelos ótimos rendimentos acadêmicos, pelo respeito e pela organização dos filhos. As quatro crianças são totalmente focadas nos estudos e responsáveis por suas tarefas, sejam elas escolares ou domésticas

O principal motivo de ter convidado a Aline a participar do trabalho foi que, por conhecer as famílias dos meus alunos, eu percebia que a maioria delas não conseguiu superar alguns desafios ocasionados na pandemia. Em contrapartida, percebi também que os meus alunos filhos da Aline não apresentavam defasagem de aprendizagem, mesmo tendo vivenciado o período pandêmico de aulas remotas, assim como os demais.

Durante o primeiro ano de pandemia, Aline tinha apenas o filho mais velho como estudante da escola onde trabalho. A participante comenta, em sua narrativa, que percebeu uma diferença positiva em relação às aulas remotas realizadas pelos professores da nossa escola com o que estava sendo feito na outra instituição onde suas filhas menores estudavam. Com isso, no segundo ano de pandemia, a família resolveu deixar os quatro filhos na mesma instituição. Dessa forma, levou as gêmeas e a filha mais nova para o mesmo colégio do menino, buscando, segundo a mãe, mais qualidade das aulas no período pandêmico.

O menino do nono ano já havia sido meu aluno em anos anteriores, enquanto as gêmeas faziam parte de uma de minhas turmas vigentes de 2022. A menor tornou-se minha aluna no ano seguinte.

A entrevista foi realizada no dia 22 de junho de 2022. Nesse dia, minhas alunas, filhas de Aline, estavam animadíssimas na aula porque receberiam a visita da professora em sua casa. Durante o recreio, Vanessa, a mais nova que estava no quinto ano, procurou-me para dizer que estava feliz por eu ir visitá-los naquela tarde.

Aline reporta no evento narrativo que foi muito tranquila a dinâmica familiar durante a pandemia, mesmo com as 4 crianças em idade escolar. Esse é o principal contraponto que buscarei trazer nas duas análises apresentadas na sequência. No entanto, antes de partir para os resultados, exponho algumas informações acerca da geração de dados.

Após a descrição da metodologia, com base na revisão teórica apresentada, o direcionamento de análise será a partir dos objetivos e dos autores de referência.

5 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Na análise de dados deste estudo, serão expostos excertos que fazem parte de um recorte das narrativas de experiências pessoais de duas mães, participantes da pesquisa. Após as entrevistas, as narrativas referidas foram transcritas, tendo como princípio as normas da análise da conversação de orientação textual-interativa e convenções de transcrição propostas por Marcuschi (1986).

Considerando o que já foi indicado em relação aos objetivos e posicionamentos teóricos, conforme sintetiza o Quadro 2, os dados serão apresentados de modo a contemplar o diálogo entre os principais autores, levando em conta as lâminas de análise (Biar; Orton; Bastos, 2021) e os níveis de posicionamentos (Bamberg, 2002) assumidos pelas participantes. Dessa forma, são expostas interpretações subjetivas, assim como perspectivas e construção de sentido que emergem das narrativas coletadas.

Quadro 2 – Correspondência entre objetivos e base teórica

Objetivos específicos	Autores referência
I. analisar os elementos linguístico-discursivos que emergem em narrativas orais das mães de estudantes do ensino fundamental entrevistadas;	<ul style="list-style-type: none"> • Bastos e Biar (2015) • Biar, Orton e Bastos (2021) • Flannery (2015) • Moita Lopes (2021)
II. compreender os posicionamentos discursivos que emergem nas narrativas de mães de estudantes do ensino fundamental;	<ul style="list-style-type: none"> • Bamberg (2002) • Follmann <i>et al.</i> (2017)
III. refletir sobre diferenças no posicionamento discursivo de narrativas de participantes em relação ao seu envolvimento nas	<ul style="list-style-type: none"> • Biar, Orton e Bastos (2021) • Coscarelli (2020) • Kersch (2021) • Mendonça (2021)

vivências escolares de seus/suas filhos/filhas durante a pandemia de COVID-19.	<ul style="list-style-type: none">• Moita Lopes (2021)• Okamoto <i>et al.</i> (2023)• Rojo (2020)• Silva <i>et al.</i> (2013)
--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

A fim de contemplar os objetivos apresentados no Quadro 2, com respectivos autores que dialogam comigo em relação aos dados que se destacam, a discussão sobre as narrativas de duas das mães participantes encontra-se em duas subseções distintas. Esta análise traz, inicialmente, excertos dos dados da participante Nicole e, posteriormente, excertos da narrativa de Aline. Essa organização tem como objetivo facilitar a comparação e o contraste entre as experiências particulares das mães em relação à pandemia. Identificam-se possíveis pontos convergentes e divergentes, ampliando o entendimento acerca das experiências e perspectivas das participantes diante do cenário em questão.

5.1 NARRATIVA DE NICOLE: A NECESSIDADE DE UMA NOVA ROTINA

No primeiro excerto, extraído do momento inicial da entrevista, intento contextualizar a participante acerca do assunto a ser explorado no diálogo: a percepção das mães a respeito da suspensão das aulas presenciais durante a pandemia de COVID-19. Neste trecho da narrativa, fica evidente que a mudança da rotina familiar foi um fator de extrema relevância para os posicionamentos que Nicole assumirá no decorrer da entrevista.

Excerto 1 - “Foi uma alteração da rotina”

- 1 **Pesquisadora:** ã: então Nicole eu: como professora durante esse
 2 período aí da pandemia... eu vivenciei muita coisa
 3 diferente de tudo que eu já tinha experienciado né
- 4 **Nicole:** [sim
- 5 **Pesquisadora:** mesmo eu trabalhando há muitos anos em escolas então
 6 eu tenho uma visão como professora de como que foram
 7 as coisas as dificulda:des em relação à aprendizagem
 8 dos alunos mas também algumas coisas boas que
 9 aconteceram e aí eu queria ver assim no teu ponto de
 10 teu vista como que foi a pandemia quando a escola
 11 fechou né nesse período que fecharam as escolas os
 12 alunos vieram pra casa como que foi isso para ti
- 13 **Nicole:** [sim
- 14 **Pesquisadora:** tendo uma filha nos anos finais do ensino
 15 fundamental?
- 16 **Nicole:** [isso
 17 é foi foi uma alteração da rotina porque não
 18 estávamos mais habituados depois de oito anos ficar
 19 um turno com ela em casa a não ser nas férias
- 20 **Pesquisadora:** sim
- 21 **Nicole:** e: ao mesmo tempo eu também entrei em: ã quarentena

A esse primeiro excerto, aplicam-se dois importantes conceitos de Labov (1972): sumário e orientação. Segundo o autor, classifica-se como sumário o resumo e a introdução da narrativa, enquanto a orientação diz respeito à identificação do espaço, do tempo e dos personagens.

Nesse sentido, inicialmente, no excerto 1, empenho-me em contextualizar Nicole acerca do tema a ser tratado na entrevista. Essa contextualização é feita através de turnos de fala prolongados - linhas 1, 2 e 3 e, posteriormente, linhas 5 a 12. É importante destacar que, previamente ao encontro presencial, houve uma conversa via *WhatsApp* na qual foram especificados e esclarecidos todos os detalhes referentes à pesquisa, bem como sua temática e objetivo. Logo, a participante, além de estar ciente a respeito dos questionamentos que seriam realizados na entrevista, também se mostrava ansiosa pelo seu início, como é percebido através das sobreposições de fala nas linhas 4, 13 e 16, utilizando as palavras “sim” e “isso” como sinal indicativo de concordância ao que eu estava proferindo.

É possível inferir então que, possivelmente, esse movimento de sobreposição de fala, nesse momento, também pode ocorrer devido à participante já conhecer o contexto da pesquisa, prevendo, assim, a minha fala e, talvez, buscando agilizar o processo da entrevista, já que, como relatará em outros excertos, sua casa é movimentada e muitas são as suas atribuições no contexto familiar.

Através de uma análise voltada aos níveis de posicionamento (Bamberg, 2002), é identificado nesse fragmento o primeiro nível no qual os personagens da narrativa apresentam posicionamentos em relação uns aos outros nos eventos reportados. Sendo assim, apesar de entrevistadora, também me posiciono como participante do evento narrativo ao declarar que, assim como Nicole, vivenciei experiências diferentes e desafiadoras durante o período de suspensão das aulas presenciais. Nicole, desde os primeiros momentos da entrevista, utiliza, por diversas vezes, a sobreposição de fala, característica que, no decorrer desta análise, será problematizada tendo como referência a sequencialidade presente na segunda lâmina de Biar, Orton e Bastos (2021).

Ao ser questionada a respeito de como foi, durante o período pandêmico, estar com a filha em casa, após o fechamento das escolas, Nicole abre sua narrativa com uma significativa afirmação, linha 17: “é foi foi uma alteração da rotina”. Essa afirmativa evidencia uma avaliação do que será narrado detalhadamente na sequência. Da mesma forma, nesse turno de fala, fica evidente que a ação complicadora (Labov, 1972) se trata da alteração da rotina familiar. Nicole antecipa sua análise e deflagra a série de acontecimentos que contará no

decorrer da entrevista.

Devido ao novo cenário no qual a sociedade se encontrava, Okamoto *et al.* (2023) chamam atenção para a necessidade de diversas adaptações na rotina domiciliar, pois, por serem desenvolvidas, de forma simultânea, as demandas do lar, as tarefas educacionais e as atividades laborais, famílias tiveram de traçar novas estratégias para que tais demandas fossem cumpridas. No caso de Nicole, o carecimento de uma nova reconfiguração foi percebido precocemente, visto que, conforme reportado, não estava mais habituada à presença prolongada de sua filha em casa. Com isso, Nicole precisou se adaptar às novas circunstâncias, conciliando suas atribuições maternas às demandas da família, assim como ao início da sua quarentena. Desse modo, o estudo de Okamoto *et al.* (2023) converge com o que a participante traz em sua narrativa: a gestão de múltiplas tarefas durante o período pandêmico.

Continuando a análise, ainda na linha 17, a conjunção explicativa “porque” introduz a justificativa da alteração na rotina em função da presença da filha, em casa, com a suspensão das aulas presenciais: “não estávamos mais habituados depois de oito anos ficar um turno com ela em casa a não ser nas férias”, linhas 17 a 19.

Na sequência, ao relatar, na linha 21, que “e: ao mesmo tempo eu também entrei em: a quarentena”, a participante explana o complicador de sua narrativa, evidenciando que dois fatores intensificaram a alteração da rotina citada anteriormente: Sofia estaria em casa durante mais um turno, diferente do habitual, e, concomitantemente, Nicole também necessitaria se afastar de suas atribuições profissionais em decorrência das medidas sanitárias de proteção à COVID-19. Nesse novo contexto, mãe e filha convivem por um período extenso e distinto do que estavam adaptadas há oito anos, conforme mencionado na linha 18.

A participante utiliza, na linha 21, a conjunção aditiva “e”, com fala mais alongada, conforme a transcrição, para enfatizar que, além da alteração na rotina que já havia sido mencionada, acrescentam-se a essa nova realidade as mudanças que ocorreriam na vida da mãe. Ademais, na mesma linha, Nicole insere o pronome pessoal “eu”, inserindo-se de fato na narrativa e marcando sua pertença ao evento reportado.

Nesse ponto já é possível observar que o principal embate discursivo, terceira lâmina (Biar;Orton; Bastos, 2021), presente na narrativa dessa participante,

é a rotina. A partir dessa narrativa inicial, fica evidente a importância do papel da escola na rotina das famílias e como a ausência física dessa instituição social prejudicou a comunidade em diversas áreas.

Okamoto *et al.* (2023) apontam que o contexto de pandemia sobrecarregou as mães, pois, além das responsabilidades com o lar, tiveram de assumir todas as demandas relacionadas aos estudos dos seus filhos, sem que pudessem contar com a assistência da escola. Os autores ressaltam, assim como os dados desta pesquisa, que a sobrecarga materna ficou mais evidente durante a transição do ensino presencial para o ERE. Dessa forma, ao mesmo tempo em que sentiam desamparadas, pela ausência do suporte escolar que estavam habituadas a receber, as mães também percebiam suas responsabilidades sendo expandidas de forma significativa à medida que os dias em isolamento se estendiam. O papel das mães no ambiente doméstico foi ampliado, necessitando de uma adaptação constante para poder conciliar suas múltiplas funções, agora exercidas de forma integrada.

É evidente também, no excerto da narrativa de Nicole, um contexto familiar no qual a presença dos filhos no lar, em períodos maiores, provoca certo estranhamento aos pais. Isso se deve a inúmeros fatores como, por exemplo, os pais precisarem trabalhar em jornada integral, necessitando repensar e adaptar a rotina de modo que o filho fosse assistido na sua ausência.

Não obstante, no caso de Nicole, a análise do embate se torna singular ao levar em consideração que sua filha, Sofia, tinha treze anos na época da suspensão presencial das aulas, frequentando, no ano de 2020, o sétimo ano do ensino fundamental. Sofia, então, era uma adolescente com certo nível de independência em relação aos estudos e às demandas familiares, mas, ainda assim, sua permanência em casa, no turno destinado às aulas, acarretou uma reconfiguração familiar, na qual foram necessárias mudanças e reposicionamentos entre os membros dessa família - como será elucidado nos próximos excertos.

A reconfiguração familiar ocorrida no lar de Nicole revela com precisão marcas da população brasileira oriundas da pandemia de COVID-19. Em recente estudo da UNESCO, foi registrado que “no Brasil computa-se que o fechamento das escolas afetou mais de 45 milhões de estudantes de Educação Básica sendo 38,7 milhões pertencentes à rede pública de ensino” (Unesco, 2020; INEP, 2019).

Nesse sentido, durante o período pandêmico foi reforçada a “necessidade de

constantes adaptações no interior domiciliar revendo estratégias para o cumprimento de demandas da gestão da casa, da profissão ou do trabalho dos adultos, juntamente à condução da conjugalidade, da economia doméstica, da parentalidade e coparentalidade” (Silva *et al.*, 2020; Linhares; Enumo, 2020).

No segundo excerto, Nicole prossegue com informações referentes à rotina e às mudanças decorrentes do ensino remoto. A participante também especifica seu contexto familiar, enfatizando que o cuidado com os estudos de Sofia não eram sua única atribuição.

Excerto 2 - “Ao mesmo tempo tinha a lida da casa pra fazer”

- 25 **Nicole:** o estudo com relação ao estudo a gente tentou de
 26 todas as formas possíveis assim não interferir
 27 porque era remoto em casa mas ao mesmo tempo tinha
 28 a lida da casa pra fazer
- 29 **Pesquisadora:** sim muitas coisas ao mesmo tempo
- 30 **Nicole:** [muitas coisas ao mesmo tempo
 31 e como aqui é uma casa meia funcional que tem
 32 criança tem: idoso tem adulto ã: adulto sem horário
 33 que chega do serviço e sai ao mesmo tempo tivemos
 34 que botar normas ã: idoso na cama durante a aula da
 35 mo da Sofia né ((risada))

No excerto acima, Nicole emerge a narrativa anunciando, na linha 25, o que tratará em sua fala - “o estudo”. Nesse sentido, a participante realiza um desdobramento da narrativa apresentada no excerto anterior, explicando o que foi relatado na linha 17. Nicole, então, elucida uma das formas pelas quais aconteceu a alteração na rotina e apresenta alguns integrantes do seu convívio familiar,

evidenciando o modo como são posicionados entre si (Bamberg, 2002). Ao realizar essa apresentação, surge o primeiro nível de posicionamento sugerido por Bamberg, no qual Nicole, além de realizar uma descrição, coloca-se como alguém que está no controle da situação: "tivemos que botar normas", linhas 33 e 34.

Adiante, a expressão no pretérito perfeito "a gente tentou", linha 25, antecipa que foi necessária uma intervenção por parte da família para que se obtivesse sucesso na construção das atividades escolares, além de intercalar com as demandas da rotina domiciliar. É compreendido, então, que, anteriormente, houve uma tentativa de incentivar a autonomia da estudante com relação às suas tarefas escolares, possivelmente porque a menina, em idade de adolescência, teria habilidades para dar continuidade às suas atribuições estudantis. No entanto, com o passar dos dias em confinamento e devido às demandas familiares, houve uma necessidade de intermediar a organização e a rotina da casa para que fosse possível um melhor aproveitamento das aulas online. Foi neste momento que os responsáveis identificaram que precisavam agir.

Nas linhas 29 e 30, é possível constatar um alinhamento entre pesquisadora e participante, pois ambas demonstramos ter passado pelo mesmo desafio de vivenciar mudanças na rotina que provocaram excesso de trabalho, seja domiciliar ou profissional. Nicole confirma a afirmação expressa por mim através da sobreposição de fala "muitas coisas ao mesmo tempo", linha 30.

Aqui já é possível perceber que o trabalho do cuidado, na maioria das vezes atribuído às mulheres, tornou-se ainda mais exaustivo durante a pandemia, pois, segundo Okamoto *et al.* (2023), quando percebem que os ofícios profissionais invadem o lar, as mães se percebem com quase todas as horas do seu dia ocupadas com afazeres intermináveis e, por esse motivo, apresentam-se mais cansadas, assoberbadas e aflitas por responderem também pela educação formal de seus filhos, porém, em um momento no qual, não era possível contar com o auxílio constante da escola.

O ambiente doméstico, que, em outro momento, era sinônimo de descanso, de tranquilidade e de conforto, foi ocupado por tarefas extradomiciliares, colocando as mães num contexto de sobrecarga contínua. As demandas com os filhos em idade escolar, assim como o cuidado com os demais membros da família, somados

às atribuições profissionais dessas mães, ocasionaram uma distribuição desigual em relação ao trabalho do cuidado.

Na sequência, a partir da linha 31, é observada a primeira lâmina de análise (Biar; Orton; Bastos, 2021), que trata da estrutura da narrativa. Nicole opta por utilizar uma construção frasal que identifica o cenário - a casa - e como esta era organizada - de forma funcional - assim como os integrantes da mesma. Existe, nesse excerto, a descrição detalhada de quem faz parte do construto familiar, isto é, Nicole apresenta alguns personagens, conforme o primeiro nível de Bamberg (2002), de sua narrativa: "tem criança tem: idoso tem adulto", linhas 31 e 32.

Em seguida, a participante relata a forma como se posiciona cada familiar durante o evento que está reportando (Bamberg, 2002), como se percebe nas linhas 34 e 35: "tivemos que botar normas ã: idoso na cama durante a aula da mo da Sofia né criança sem contato com a Sofia também pra ela poder se concentrar". Além disso, nesse fragmento, há um menor monitoramento de fala da entrevistada ao utilizar a expressão "ã" e ao sorrir ao final do turno. É identificado então um dado mais puro e falas contínuas.

A mãe da estudante trabalha como agente de saúde e, fora do expediente, produz doces e pães para vender na comunidade. Além disso, é responsável por providenciar o almoço para diversos familiares que frequentam sua residência, tais como: sobrinhos, filhos, netos, marido e pais. Nesse sentido, acredito que a escolha pela expressão "lida da casa", linha 28, evidencia que seu trabalho doméstico é árduo, envolvendo um tempo significativo de sua rotina. Posteriormente, Nicole reforça e explica a afirmativa de suas atribuições domiciliares, na linha 31, dizendo: "aqui é uma casa meia funcional".

É importante destacar que, possivelmente, a entrevistada utilizou a palavra "funcional" como sinônimo de rotativa, ou seja, uma residência com uma expressiva circulação de pessoas. Certamente, Nicole utiliza a sentença "casa meia funcional" como uma forma de justificar um dos motivos pelos quais foi necessária a constituição de regras no âmbito familiar durante as aulas remotas.

No terceiro excerto, Nicole expõe os problemas iniciais do ensino remoto e algumas dificuldades encontradas no contexto familiar que acabaram por prejudicar os estudos de Sofia durante o fechamento da escola. Nicole assume então

diferentes posicionamentos frente às aulas *online*.

Excerto 3 - “Ela não copiou não copiava a matéria”

37 **Nicole:** criança sem contato com a Sofia também pra ela
 38 poder se concentrar até porque na primeira: na:
 39 ((celular toca e Nicole rejeita a ligação))
 40 no primeiro trimestre em casa ela foi muito mal foi
 41 muito mal ela não copiou não copiava a matéria
 42 porque achava que ia ter o retorno pra escola de
 43 novo a qualquer momento
 44 **Pesquisadora:** eles ficaram nessa expectativa...
 45 **Nicole:** isso eles tavam ã muito eufóricos achando que iam
 46 retornar às aulas então foi o primeiro trimestre ali
 47 semestre foi meio complicado aí quando vieram as
 48 notas que nós vimos que baixou as notas dela
 49 bastante aí corremos né aí entrou as regrinhas ã:
 50 entrou um material mais ã: organizado pra ela ter
 51 aula em casa ã foram pasta com divisórias por
 52 matérias foram: o celular dela teve que dar uma
 53 melhoradinha porque realmente através do celular
 54 tava muito ruim tava difícil de ter aula teve
 55 alteração do horário também que antes ela não tinha
 56 compromisso do horário aí botava ali na pausa
 57 videozinho e saía dava uma banda e voltava... não
 58 então daí quando a nota dela baixou ela assumiu
 59 mesmo o posto de: de aluna como se fosse na escola
 60 claro que a gente tava em cima né

Na passagem acima, ficam evidentes os níveis de posicionamento (Bamberg, 2002) presentes na narrativa. É constatado o motivo da história ser contada, nível 1,

quando a participante relata as dificuldades vividas durante o “semestre complicado” e os problemas iniciais enfrentados no ensino remoto.

Também se percebem embates discursivos (Orton; Biar; Bastos, 2021), como, por exemplo, o impacto financeiro acarretado pela pandemia. Em meio a inúmeras mudanças no cotidiano e na configuração familiar de Nicole, foi necessário investir em um novo aparelho de celular para que a menina conseguisse acessar suas aulas *online* de forma mais adequada. Esse fato será novamente explorado pela participante em outros turnos, assim como foi necessário adquirir materiais que auxiliassem na reestruturação da rotina de estudos de Sofia.

No início do excerto, na linha 37, Nicole cita algumas regras estabelecidas na casa, a fim de proporcionar um ambiente de estudos mais apropriado às necessidades da filha e, posteriormente, dará continuidade a essa lista de regras a partir da linha 49. A participante apresenta uma justificativa para ter inserido as normas de organização na rotina da filha: “no primeiro trimestre em casa ela foi muito mal foi muito mal ela não copiou não copiava a matéria porque achava que ia ter o retorno pra escola de novo a qualquer momento”, linhas 40 a 43.

Bamberg (2002) afirma que, no nível 1 de análise de posicionamento, são notadas pistas linguísticas que evidenciam a construção de agentes que se colocam no controle, fazendo com que outro personagem da narrativa tenha ações infligidas. Sofia, neste caso, age dessa forma diante das orientações da mãe.

A expressão “semestre foi meio complicado”, linha 47, revela uma avaliação da situação narrada, mas, da mesma forma, pode se apresentar como embate discursivo. Analisando outros excertos dessa entrevista, fica evidente que o motivo de o semestre ter sido difícil não se refere somente às notas da menina, mas também a problemas de saúde que mãe e filha desenvolveram durante o período pandêmico, conforme comentado por Nicole ao final da narrativa, quando a gravação havia sido encerrada.

Torna-se importante destacar as linhas 47 e 48, nas quais a participante diz “vieram as notas que nós vimos que baixou as notas dela”. Essa afirmação de Nicole denuncia a extrema importância dada pela família ao desempenho escolar das crianças e dos adolescentes em detrimento de questões fundamentais à saúde e ao bem-estar de seus filhos em um contexto de pandemia no qual o número de óbitos crescia consideravelmente em todo o país. Há espaço para uma crítica em relação à

priorização das notas altas e do sucesso acadêmico em meio ao maior desafio sanitário já vivenciado por esses estudantes. Essa priorização pode ser atribuída a questões estruturais de cobrança e de pressão social que valorizam o *status* e o sucesso profissional como indicadores de êxito e de prosperidade. A falta de compreensão da gravidade da situação, somada à insegurança em relação ao futuro, talvez não tenha contribuído para que as famílias percebessem a necessidade de uma reavaliação de valores e prioridades naquele momento, ignorando os impactos que uma pandemia pode causar à saúde mental das crianças e dos adolescentes.

Por outro lado, os docentes também se encontravam em constante adaptação e enfrentavam incertezas acerca de como tratar as novas dinâmicas de ensino (Coscarelli, 2020). Aprenderam, rapidamente, a utilizar tecnologias e meio alternativos para garantir a conexão com os alunos Kersch (2021). A metodologia de avaliação dos estudantes tornou-se uma preocupação, pois não havia orientações claras sobre quais critérios deveriam ser considerados nesse período de ERE. As práticas pedagógicas já estabelecidas foram revisadas e ajustadas para atribuir notas aos alunos. Com o passar do tempo, as instituições educacionais começaram a ressignificar conceitos relacionados ao desempenho acadêmico, oferecendo formações e treinamentos *online* para facilitar uma análise conjunta das estratégias pedagógicas.

5.2 NARRATIVA DE ALINE: O OLHAR ATENTO DE UMA MÃE

A entrevista com Aline ocorreu no final de uma tarde, após o horário de aula. Ao chegar à casa para a conversa, fui recebida por ela e por sua filha mais nova, Vanessa. Havia chás e frutas sobre a mesa que Aline havia preparado para me receber. Próximo a esse ambiente ficava a sala de estar, onde Vanessa passou assistindo a um filme enquanto Aline e eu conversávamos.

O primeiro excerto retrata o início da narrativa no qual discutíamos acerca dos estágios iniciais da pandemia, caracterizados, principalmente, pelo fechamento de instituições de ensino, de estabelecimentos comerciais, entre outros. O fragmento a seguir prossegue nesse contexto.

Excerto 4 – “aí parou tudo né”

- 1 **Aline:** ela fazia jiu ((jiu-jitsu)) natação e: a invernada
 2 do ctg eles participavam e aí parou tudo né a
 3 minha sorte é que eles são quatro porque pelo
 4 menos um com o outro brincava
- 5 **Pesquisadora:** [interagem né
- 6 **Aline:** exato fazem alguma coisa porque eu não consigo
 7 imaginar a mãe que ficou com o filho sozinha
 8 dentro de casa
- 9 **Pesquisadora:** [é foi bem difícil né

O trecho apresenta um diálogo no qual Aline emerge sua narrativa dando prosseguimento ao que estava sendo conversado. Na linha 1, a participante informa, de modo sequencial, alguns lazeres dos quais seus filhos desfrutavam antes do início da pandemia. Na linha 2, a sigla “ctg” aponta um aspecto culturalmente comum, no estado do Rio Grande do Sul, que se trata dos Centro de Tradição Gaúcha, evidenciando uma rotina ativa e participativa, também no âmbito dos esportes: “ela fazia jiu natação e a invernada do ctg”, linhas 1 e 2.

Em seguida, ainda na linha 2, Aline utiliza a conjunção aditiva “e” para indicar uma sequência temporal, descrevendo que os afazeres da família aconteciam naturalmente, quando, repentinamente, houve a necessidade de interrompê-los em decorrência do *lockdown*, indicado pelas autoridades governamentais. Logo depois, a participante expõe a ação complicadora (Labov, 1972) de sua narrativa, marcada pelo verbo no pretérito perfeito: “aí parou tudo né”, linha 2. A expressão em destaque se conecta à conjunção aditiva, evidenciando a relação entre os acontecimentos relatados e apresenta-se como embate discursivo, conforme a terceira lâmina de análise de Orton, Biar e Bastos (2021), ilustrando o grande desafio enfrentado pelas famílias durante o isolamento social.

Aline apresenta um posicionamento pragmático e objetivo no decorrer da entrevista. A forma como a participante emerge sua narrativa ao explicar que “aí

parou tudo né” reflete uma comunicação concisa e direta, indo direto ao cerne do diálogo que, no caso, trata-se da pandemia de COVID-19. A expressão faz referência ao fechamento dos estabelecimentos e à indicação de confinamento, assim como isolamento social.

Detendo-se a uma análise da primeira lâmina (Orton; Biar; Bastos, 2021), é possível observar que, em relação à estrutura, a narrativa emergiu sem a necessidade de perguntas, o diálogo foi espontâneo e partiu da participante. Além disso, é nítido que, enquanto Aline apresenta turnos de fala mais longos nesse excerto, eu, como participante do evento narrativo, opto por turnos curtos, utilizando o recurso da sobreposição de fala. Os turnos breves forneceram confirmação e alinhamento à mãe entrevistada, nas linhas 5 e 9, não interrompendo o fluxo linguístico.

A partir da linha 3, Aline faz uma avaliação da situação ao afirmar “minha sorte é que eles são 4”, referindo-se aos seus quatro filhos e sugerindo que, na sua opinião, as famílias que possuem mais filhos podem enfrentar adversidades domésticas menos intensas em um período de pandemia como o ocorrido. Em seguida, apresenta uma justificativa: “porque pelo menos um com o outro brincava”, linhas 3 e 4. A afirmação da participante evidencia sua percepção em relação à dinâmica familiar, assim como à importância das interações entre irmãos durante a crise sanitária vivida. Aline ressalta, em sua fala, a importância de atividades compartilhadas, a fim de fomentar o desenvolvimento e bem-estar das crianças, especialmente no contexto em questão. A participante finaliza o enunciado demonstrando preocupação com as mães que vivenciaram a solidão junto aos seus filhos durante o período de isolamento. O fechamento da fala de Aline aponta o 3º nível de Bamberg (2002).

Na sequência da narrativa, a participante relata algumas especificidades de dois filhos, conforme o excerto 5.

Excerto 5 – “Foi complicado assim de interação”

- 10 **Aline:** sim sim e: a: Nessa ainda interage bem né ela vai
 11 e brinca e tal com todo mundo já o Rodrigo pra
 12 mim até foi estranho assim porque ele deu uma
 13 freada né ele já é bem difícil de fazer amizade aí
 14 lá no ctg ele começou a se soltar e fechou... ((bate
 15 na mesa)) parou... agora voltou pra escola mas
 16 também é bem freado assim
- 17 **Pesquisadora:** é eles são diferentes né
- 18 **Aline:** é: são... mas pra Nessa foi: foi complicado assim de
 19 interação porque ela gosta bastante de interagir

Como mencionado anteriormente, nesse estudo, Aline é mãe de quatro filhos. Para efeitos comparativos, a participante apresenta, no excerto 5, características específicas da filha mais nova, Vanessa, a quem comumente se refere por um apelido, adotando-se, neste contexto, a denominação fictícia “Nessa”, e do filho mais velho, Rodrigo. Ao apresentar as especificidades e os atributos das duas crianças, a participante ilustra o nível 1 de Bamberg (2002), no qual, através de pistas linguísticas, alguns personagens da narrativa são caracterizados. Essas pistas linguísticas também se revelam como orientação, segundo Labov (1972), situando o interlocutor.

É importante destacar que Vanessa, na data da entrevista, dois anos após o início da pandemia, era aluna do quinto ano e Rodrigo cursava o nono ano do ensino fundamental. O público-alvo desta pesquisa compreende especificamente as mães de alunos de quintos e nonos anos. É possível que, por essa razão, a participante não tenha referido, neste momento da entrevista, suas filhas gêmeas, que estavam matriculadas no sétimo ano.

A partir da linha 10, então, Aline demonstra certa preocupação em relação aos comportamentos de seus filhos, Rodrigo e Vanessa, em diferentes contextos

sociais. Como registra Aline, Vanessa possui facilidade em interagir com os outros, independente do contexto no qual está inserida, seja na escola, na família, no Centro de Tradição Gaúcha etc. Em contraste, Rodrigo tende a ser mais reservado e enfrenta dificuldade para fazer amizades, ficando isso ainda mais evidente durante a pandemia.

Na linha 11, o pronome “todo” é articulado com ênfase pela participante, assim como o advérbio “bem”, linha 13. Essa seleção linguística certamente foi realizada com o objetivo de contrastar de forma enfática a principal discrepância entre os dois irmãos. Na continuidade da conversa, Aline expõe uma sequência narrativa referente ao processo de desenvolvimento de interação social de seu filho, que enfrenta desafios nessa área. Para isso, utiliza-se de verbos no pretérito, como “fechou”, “começou” e “parou”. Ao empregar o verbo “fechou”, Aline utiliza como recurso semiótico o gesto de bater na mesa para indicar uma interrupção abrupta das ações relatadas. Segue a conversa para ressaltar que assim que o menino começou a fazer amizades e se envolver em interações no CTG, foi necessário o fechamento imprevisto dos estabelecimentos, a fim de conter a propagação do vírus existente.

No evento reportado através do excerto 5, é possível perceber a angústia da mãe no que diz respeito às relações interpessoais de seus filhos durante o período da pandemia de COVID-19. Enquanto o filho mais velho, Rodrigo, permanecia em sua zona de conforto, sem interações significativas com pessoas fora do círculo familiar, essa situação preocupava a mãe, já que demonstra reconhecer a importância do convívio social e do desenvolvimento interpessoal para a saúde e o bem-estar de seus filhos. Se, por um lado, o isolamento parecia adequar-se melhor à realidade de Rodrigo, Vanessa, a filha mais nova, sofria com a falta de contato social, pois possui uma predisposição para interagir com os outros.

Dutra *et al.* (2020, p. 297) afirmam que “brincar é fundamental para o crescimento e o desenvolvimento das crianças”, pois a ludicidade proporciona a aquisição de habilidades cognitivas, sociais e físicas. Além disso, por meio da socialização presente no ato de brincar e de interagir, é possível promover o bem-estar emocional das crianças. Durante a pandemia, conforme anunciou Aline, ao final de sua narrativa, correspondente ao excerto 5, “foi complicado assim de interação”, a participante experiencia, na prática com seus filhos, o prejuízo ocasionado pelo distanciamento social no que diz respeito às relações sociais

interrompidas. Dutra *et al.*, em 2020, realizaram uma pesquisa com cinco crianças em idade escolar, na qual foram feitas perguntas que visassem a compreender os impactos da pandemia de COVID-19 em relação à saúde mental infantil. As crianças afirmaram sentir falta da escola, pois, além de estudar, o ambiente escolar permite a essas crianças brincar com os colegas e realizar atividades físicas. Conforme também observado por Aline, as crianças participantes do estudo mencionaram, nos relatos, a saudade do recreio e de conversar na escola, a falta dos colegas e de visitar familiares, assim como fazer compras no shopping e ir à igreja (Dutra *et. al*, 2020). As crianças à época afirmaram que gostariam muito de retornar à escola.

Tendo ciência da importância da socialização, Aline evidencia, na narrativa, a relevância atribuída ao Centro de Tradições Gaúchas, que ela percebe como um ambiente propício ao progresso e ao desenvolvimento de seus filhos. Essa correlação revela um traço de identidade cultural significativo da participante.

Na sequência da narrativa, Aline permanece discorrendo sobre Vanessa e, novamente, ressalta a dificuldade da menina em manter-se calma nos momentos sem interação: “não gosta de ficar parada”. Em seguida, na fala da participante, emerge um relato expondo como foram as aulas de seus filhos durante a pandemia e suas percepções acerca disso, conforme o excerto 6.

Excerto 6 – “Eles tão muito perdido”

22 ficar parada e: e na escola... aí eu acho que foi
 23 bem complicado né tipo de conhecimento de conteúdo
 24 porque esses dois anos que se foram sem escola
 25 com certeza vai: não vai atrapalhar ela porque eu
 26 sou bem chata né eu eu faço eles estudarem olharem
 27 lerem e tal
 28 **Vanessa:** a mãe já fez eu escrever até mil
 29 **Aline:** ((risada)) é: a gente tava tava na pandemia aí eu

30 disse então vamo aprender até mil porque entrou a
31 pandemia em 2020... a Nessa tava entrando na
32 terceira série...

33 **Pesquisadora:** tava recém começando

34 **Aline:** aham deu duas semanas de aula encerrou e aí: antes
35 dessa antes de encerrar a pró tinha feito: uma
36 reunião chamou e disse ah esse ano a gente vai
37 ensinar até o milhar e aí fiquei com aquele
38 negócio na cabeça eu digo pelo menos até o milhar
39 ela vai aprender então né aí coloquei ela pra
40 fazer o milhar e assim eu faço pra fazer ela
41 decorar a tabuada fico puxando ah vamo fazer
42 divisão né

43 **Pesquisadora:** aham

44 **Aline:** os sinais e tal aí depois começou demorou um pouco
45 né porque é: as gurias tavam tudo na escola
46 municipal e aí levou um tempo pra eles se
47 organizarem pra começar a mandar tarefa já o
48 Rodrigo tava na estadual então foi mais rápido
49 o Rodrigo começou mais rápido a fazer o: conteúdo
50 a entrar no: meet tudo foi bem mais rápido das
51 gurias foi bem atrasado

52 **Pesquisadora:** sim:

53 **Aline:** aí depois quando vinha vinha assim umas quatro
54 folhinha: que era pra fazer: a cada quinze dias

55 mas era só pra não dizer que não mandou nada
56 porque de verdade de ensino de: pra: de terceira
57 série pro pra produzir pra aprender não veio nada
58 não veio nada... é: eu fiquei com um pouquinho com
59 medo agora quando voltou de verdade se ia
60 conseguir acompanhar ainda bem que a Vanessa é bem
61 espertinha e ela consegue né
62 **Pesquisadora:** ela que tava na municipal
63 **Aline:** na terceira na municipal as gêmeas também... aí
64 elas foram aí o ano passado eu disse não dá pra
65 continuar assim né eles tão muito perdido e: a
66 estadual já tava com o Rodrigo fazendo e
67 acompanhando e fazendo as aulas e tal..
68 praticamente diariamente já o Rodrigo fazendo as
69 aulas eu disse vou trocar todos

No excerto 6, Aline utiliza, com certa frequência, a ênfase em determinadas palavras, a fim de expressar uma emoção mais intensa em determinados pontos da narrativa. O primeiro momento no qual aplica este recurso é quando muda o cenário narrativo, rompendo com a descrição das especificidades pessoais dos filhos e partindo para uma análise do ensino remoto emergencial. Então, na linha 22, quando faz menção a lugar, “na escola”, e, em seguida, enfatiza o marcador discursivo “bem”, advérbio de intensidade, na linha 23, inicia um discurso de crítica. Posteriormente, faz uma comparação acerca do modo como as escolas nas quais seus filhos estavam matriculados adotaram o ERE. Aline, então, faz uma avaliação antecipada (Labov, 1972) ao afirmar que “na escola... aí eu acho que foi bem complicado né tipo de conhecimento de conteúdo”.

A partir da linha 25, ao dizer “com certeza vai”, percebo que, ao iniciar uma possível crítica a respeito da falta de aulas presenciais, durante a pandemia,

Aline, certamente, diria que isso comprometeria o desenvolvimento escolar futuro das crianças. No entanto, ao longo de seu turno de fala, a participante reavalia seu posicionamento e, em tempo hábil, corrige-se dizendo que, embora o contexto de pandemia não tenha sido favorável ao ensino, os dois anos de ERE não terão um impacto negativo na aprendizagem de sua filha. Aline salienta seu papel ativo como mãe, articulando, sem monitoração de fala: "eu sou bem chata né eu faço eles estudarem olharem lerem e tal". O diálogo reportado reforça que ela permaneceu engajada na educação da criança, supervisionando, ajudando, ensinando e potencializando os saberes, especialmente da filha menor, e, por esse motivo, não haveria empecilhos para sua aprendizagem no retorno às aulas presenciais.

Enquanto Aline relata o exposto anteriormente, sua filha, Vanessa, demonstra atenção ao nosso diálogo. Nesse momento, a menina, que estava situada próxima ao local da entrevista, faz um comentário, dizendo "a mãe já fez eu escrever até mil", conforme o registro da linha 28. Aline manifesta uma reação de humor diante do comentário de Vanessa, quando reage, imediatamente, com risadas. A interação descontraída entre mãe e filha revela cumplicidade, afeto e bom relacionamento familiar. Da linha 29 em diante, há pouca monitoração da fala, percebida, principalmente, pelo uso de linguagem informal e pouca concordância gramatical.

Na sequência, a partir da linha 35, a mãe apresenta uma justificativa, conforme a segunda lâmina de Biar, Orton e Bastos (2021), por ter solicitado à filha que escrevesse os numerais até mil, bem como expõe a mudança de contexto reportado, característica presente no nível 2 de Bamberg (2002). Aline narra que, em 2020, no início do ano letivo, foi realizada uma reunião, na escola de sua filha mais nova, durante a qual a professora responsável pela turma informou aos pais os principais objetivos educacionais previstos a serem alcançados ao longo do ano. Entre as metas estabelecidas, a que mais chamou a atenção de Aline, em suas palavras "aí fiquei com aquele negócio na cabeça", foi a aprendizagem dos números até mil. Consequentemente, a participante, assumindo seu papel e sua responsabilidade como mãe, empenhou-se em pôr em prática, ao seu modo, o aprendizado dos números, conforme a professora havia orientado.

A performance narrativa de Aline aponta para o seu comprometimento materno. Na ausência da instituição responsável pelo conhecimento acadêmico, Aline assume esse papel e tenta, à sua maneira, pôr em prática uma das metas estabelecidas para aquele ano letivo.

A partir da linha 45, há um movimento discursivo no qual Aline reflete acerca das disparidades quanto à forma que o ensino remoto emergencial foi implementado nas escolas frequentadas por seus filhos, sendo uma instituição estadual e a outra municipal. Aline situa os participantes do enredo, seus filhos, bem como indica os diferentes cenários, conforme sugere o primeiro nível de Bamberg (2002).

A participante expressa previamente, na linha 46, um descontentamento em relação à escola municipal. Ainda na mesma linha, o marcador discursivo "e aí levou um tempo" manifesta a insatisfação de Aline com a demora na disponibilização de atividades remotas para suas filhas. Ela designa uma comparação ao mencionar que o filho, matriculado na rede estadual de ensino, usufruiu dos recursos do ERE de forma mais ágil e efetiva. Enquanto suas filhas aguardavam por tarefas escolares, Rodrigo já participava de vídeoaulas por meio do *Google Meet*, bem como realizava atividades de forma remota. Aline conclui, nas linhas 50 e 51, que houve pouca organização na implementação das aulas remotas para suas filhas: "das gurias foi bem atrasado".

Na sequência da narrativa, a participante apresenta algumas nuances e reflexões a respeito do ERE na escola municipal. Aline relata que, em intervalos quinzenais, a instituição encaminhava "umas quatro folhinha", a fim de que os estudantes realizassem os exercícios. No entanto, no seu ponto de vista, os materiais não eram suficientes para garantir uma aprendizagem adequada. Em seguida, a participante reafirma seu posicionamento em relação à pouca eficiência dessas atividades, sugerindo que o material enviado pelos professores aparentava ter o propósito de apenas cumprir com uma obrigação formal, ao invés de, efetivamente, proporcionar o ensino e a aprendizagem dos conhecimentos necessários para os diferentes anos escolares. Isso fica evidente no trecho compreendido entre as linhas 55 e 58: "mas era só pra não dizer que não mandou nada porque de verdade de ensino de pra de terceira série pro pra produzir pra aprender não veio nada não veio nada". Vale destacar que a repetição da expressão "não veio nada" corrobora a sua insatisfação com a

qualidade do ensino oferecido pela rede municipal durante a pandemia de COVID-19.

É possível inferir, no trecho acima, que a expressão “pro pra” possivelmente indique constrangimento ou tensão, como quem repensa e pondera antes de concluir o que está sendo dito, por estar prestes a admitir para uma professora sua opinião negativa em relação ao ensino. Segundo Biar Orton e Baston (2021), trata-se de um aspecto presente na segunda lâmina de análise.

Em função da defasagem de aprendizagem, a mãe confessa que sentiu certo receio em relação ao retorno das aulas, pois temeu que, principalmente a filha menor, que, na época, estava no terceiro ano do ensino fundamental, não conseguisse acompanhar o desenvolvimento das aulas. Ao mesmo tempo, Aline reconhece as habilidades da filha, ao descrevê-la como “bem espertinha” e evidencia a aptidão da criança mesmo diante de um contexto adverso. A dicotomia de sentimentos da mãe, preocupação com a aprendizagem e certificação das potencialidades da filha, demonstra a magnitude dos desafios experienciados no período de ERE.

Há ainda, na narrativa de Aline, uma escolha lexical que reflete sua concepção a respeito do ERE nas diferentes esferas, municipal e estadual, que, novamente, ratifica seu posicionamento discursivo. Aline utiliza o substantivo “folhinha”, intencionalmente no diminutivo, para resumir o ensino ofertado pelo município durante a pandemia. Através dessa escolha lexical, é possível inferir que, na sua opinião, as atividades eram simples e insuficientes, não correspondendo às suas expectativas e às necessidades da filha. Em contrapartida, para definir o material fornecido pela rede estadual, a participante opta pelo marcador discursivo “conteúdo”, sugerindo um maior preparo, organização e eficiência por parte das instituições estaduais. Aline deflagra a disparidade nas abordagens pedagógicas.

Nesse sentido, ao final do excerto, Aline expressa, nas linhas 64 e 65, “aí o ano passado eu disse não dá pra continuar assim né eles tão muito perdido”, manifestando preocupação com o desenvolvimento intelectual de seus filhos. Esse trecho contém uma avaliação crítica do ensino durante a pandemia. Buscando uma aprendizagem mais completa e eficaz, a participante analisa as duas realidades escolares distintas e decide realizar a transferência de suas três filhas, as gêmeas e a mais nova, para a escola na qual Rodrigo, o filho mais velho, matriculado no nono ano, estudava. O turno de fala finaliza com a resolução (Labov,

94 vontade e tal mas sim a gente fez tinha os temas
95 então a gente tentava fazer todos os temas o mais
96 rápido possível pra ficar pronto né ã: ai
97 atividade física a gente sempre faz meu marido
98 gosta muito de atividade física então eles sempre
99 fazem alguma coisa ou ele saía correndo com eles
100 na volta da quadra ou levava pra uma praça levava
101 pra outra né

No início do fragmento apresentado, é possível reconhecer a primeira lâmina de análise proposta por Biar, Orton e Bastos (2021), na qual se identifica a forma como a narrativa emerge. Isso acontece através do questionamento que faço à participante a respeito da sua rotina com o início da pandemia de COVID-19: “e como que foi assim a tua rotina teve alguma mudança na tua rotina?”. Seguindo a sequencialidade presente na abordagem da segunda lâmina de análise (Biar; Orton; Bastos, 2021), Aline responde à indagação apresentando um novo ator social, o marido, ao seu discurso reportado, o qual Bamberg (2002) classifica como primeiro nível de posicionamento.

Aline prossegue seu turno de fala, antecipando, na linha 87, uma avaliação da rotina, independentemente da pandemia: “nunca foi muito complicado”. Essa expressão retrata uma situação positiva em relação à organização e à gestão familiar bem estruturada que possuem. Mesmo se tratando de uma família numerosa, composta por quatro filhos em idade escolar, não havia, anteriormente, desafios significativos relacionados à dinâmica de estudos. A família já possuía uma rotina na qual as demandas eram assumidas com facilidade por utilizarem estratégias que fomentassem a autonomia e a responsabilidade das crianças, independente da faixa etária. A mãe menciona um comentário subsequente, na linha 90, relatando que, em outros momentos, possivelmente quando as crianças eram mais jovens, havia, na geladeira da família, um cronograma indicando os afazeres prévios de cada filho. Isso revela que o cotidiano familiar já estava bem estabelecido, com planejamento e disciplina, antes mesmo da pandemia. Com o decreto de

distanciamento social e o fechamento das escolas, a família optou por flexibilizar essa rotina, buscando deixar as demandas menos rígidas.

Em excertos anteriores já se tornava possível perceber, através de pistas linguísticas, a preocupação materna com o bem-estar de seus filhos. No excerto 7, a partir da linha 95, Aline menciona o hábito da atividade física como algo presente na vida da família e que, durante a pandemia, permaneceu, embora com algumas adaptações. Havia uma atenção com os filhos de forma integral: em relação ao conhecimento cognitivo, à saúde mental e à saúde física. Nesse momento da narrativa, a participante evidencia uma distribuição de responsabilidades entre ela e seu marido, pai das crianças, destacando o papel desempenhado por esse pai. Enquanto à mãe cabia a supervisão de tarefas escolares e demais demandas relacionadas à aprendizagem, o pai se responsabilizava pela ludicidade e incentivo às habilidades esportivas.

Em sua experiência de pandemia, Aline ilustra o que Ulrich *et al.* (2020) afirmam acerca da economia do cuidado, conforme já mencionado nesse trabalho. Os autores indicam que, durante o isolamento social, ficaram ainda mais evidentes os multipapéis desempenhados pelas mulheres no seio familiar, visto que a atenção e o zelo das mães se intensificavam à medida que percebiam a necessidade de supervisão nos estudos dos filhos, nos cuidados com os protocolos de higiene, na preocupação com a saúde mental da família, além de administrar possíveis perdas em função do contágio do vírus.

Diante das vivências relatadas por Aline, fica evidente a importância do envolvimento da família na vida escolar dos filhos, assim como a relevância da distribuição de responsabilidades familiares. Da mesma forma, foi necessária flexibilização na rotina para que as novas demandas e as emoções psicossociais fossem levadas de forma mais tranquila. Desse modo, as narrativas dessas mães indicam a complexidade das experiências durante a pandemia de COVID-19.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade desta pesquisa consiste em investigar, através de narrativas orais de mães de estudantes do ensino fundamental, a forma como elas constroem discursivamente as vivências escolares de seus filhos durante a pandemia de COVID-19. Nesse sentido, foi possível constatar que a participante Nicole abriu a narrativa com apontamentos que anteciparam uma justificativa em relação às suas atitudes que seriam, posteriormente, relatadas. Também se observou que, no cenário interacional, a participante apresentou posicionamentos diferentes durante o período de acompanhamento dos estudos da filha, ajustando sua conduta conforme percebia a necessidade de resolver determinadas questões.

Em relação ao objetivo específico de compreender os posicionamentos discursivos que emergem nas narrativas, foi possível, já no início da entrevista, identificar o posicionamento assumido por Nicole, o qual revela que sua vida era muito ativa, tendo diversas demandas a cumprir. O modo como sua rotina foi alterada em função de todas as medidas sanitárias que tiveram de ser adotadas, durante a pandemia, também é mencionado logo que sua narrativa emerge.

Sendo assim, a participante indica que houve uma extrema modificação na rotina familiar em função do cancelamento das aulas presenciais, pois, além da sua filha estar presente em casa por um tempo maior, Nicole também precisou adotar o distanciamento social em seu trabalho. Com isso, os ofícios no ambiente doméstico se intensificaram, pois à mãe cabia a função de zelar pelos assuntos relacionados ao estudo da menina, além de todo o cuidado que demandavam as atividades da casa, como, por exemplo, a preparação de refeições, atenção aos netos, que ficavam sob sua responsabilidade, e especial cuidado aos seus pais idosos por serem pertencentes ao grupo de risco. Nicole demonstra um posicionamento de comando no ambiente domiciliar.

A narrativa revela que, no primeiro momento, tanto famílias como estudantes acreditaram que as aulas retornariam em breve, então, nos primeiros meses. Não houve uma preocupação significativa em relação às tarefas escolares, e logo assumiram uma posição passiva. No entanto, com o decorrer do tempo e, segundo a participante, principalmente após a entrega de boletins do primeiro trimestre, a família teve consciência de que a presencialidade não retornaria em seguida. A mãe, então, percebeu que precisava tomar uma atitude, pois sua filha não havia

apresentado bons resultados nos componentes curriculares. Nicole reporta que um dos maiores reflexos da pandemia em relação aos estudos foi o baixo rendimento dos alunos. Isso ocorreu, sobretudo, por passarem a ter uma rotina desestruturada, diferente de como era com as aulas presenciais e, conseqüentemente, os resultados decaíram.

Nesse sentido, o estudo torna evidente que, ao serem suspensas as aulas, Nicole e sua família ficaram desorientadas porque não dispunham de uma rotina bem estabelecida. Nicole, em determinado turno de fala, afirma que, a partir do momento em que conseguiram firmar uma nova rotina e regras para a organização do lar, os problemas diminuíram. Isto é, Nicole se posicionou como mãe e com responsabilidade, engajando-se para designar normas que auxiliariam os estudos de sua filha. Cabe destacar que as modificações na rotina foram pensadas em função da aprendizagem da menina, de acordo com as aulas síncronas e assíncronas – conforme o calendário escolar.

Por certo, consoante mostrou o evento narrativo, quando passaram a cumprir as regras, os problemas relativos ao mau desempenho escolar melhoraram. A partir do segundo trimestre, a família conseguiu repensar e determinar os princípios de ordem do lar - assim como acontece no ambiente escolar. Mais uma vez, nota-se a importância da escola, pois a família apenas tomou consciência dos problemas pelos quais passava com sua filha quando o boletim de desempenho foi entregue.

É importante refletir e destacar que, mesmo diante de um contexto de pandemia, no qual a escola ainda estava em adaptação quanto às novas metodologias que deveriam ser adotadas, a perspectiva de aproveitamento em relação aos estudos da filha surge a partir de um boletim de desempenho e não de forma processual, com um acompanhamento diário por parte da família. Foi necessária a certificação por meio de um documento escrito.

Com base numa perspectiva linguística e interacional, é possível ainda observar o modo como a participante reportou, discursivamente, sua narrativa, assim como seus posicionamentos relativos às vivências na pandemia. Nesse sentido, fica evidente que o distanciamento social e a suspensão das aulas presenciais afetaram significativamente a rotina das famílias, visto que a escola desempenha papéis que vão além de uma educação formal, exercendo também a função de organizar a sociedade, estabelecendo valores, normas e possibilidades de desenvolvimento.

Contudo, o *lockdown* também estreitou laços afetivos entre mãe e filha, já que passaram a ter mais tempo de qualidade juntas.

A narrativa da segunda participante, Aline, ilustra de forma expressiva a influência positiva que a presença e a supervisão da família, no que diz respeito à educação e aos estudos de seus filhos, provocam no desenvolvimento integral da criança. Os hábitos estabelecidos no ambiente familiar, assim como o envolvimento ativo dos pais, enriquecem a educação formal iniciada na escola.

Ao serem analisados os elementos linguísticos-discursivos que emergem nas narrativas, destaco que Aline apresenta turnos de fala com fluxo contínuo, demonstrando se sentir à vontade para contar suas histórias vividas durante a pandemia. Não são necessárias, no decorrer do diálogo, muitas perguntas que instiguem a sua fala, pois a participante manifesta desejo e disposição em compartilhar suas vivências. Aline reporta suas experiências seguindo uma linearidade, pois narra os eventos de forma sequencial. Além disso, utiliza, por muitas vezes, o recurso de ênfase ao proferir determinadas palavras.

Através do evento reportado por essa participante, é possível identificar que houve uma diferença na organização das aulas remotas e na distribuição de tarefas entre escolas municipais e estaduais. Essa diferença foi percebida por Aline, já que suas filhas estavam matriculadas em uma rede pública de ensino, enquanto o filho mais velho estudava em outra rede.

Aline faz uma análise mais aprofundada acerca do ensino remoto emergencial durante a pandemia, produzindo determinadas críticas ao apresentar suas percepções como mãe. Nesse sentido, Aline realiza uma constante comparação entre a escola municipal, na qual suas filhas estudavam, e a estadual, onde apenas o filho mais velho, Rodrigo, estava. Ao examinar os aspectos positivos e negativos de cada rede, a mãe chegou à conclusão de que a escola pertencente à rede estadual estava melhor preparada para o ERE. Diante disso, optou por transferir suas filhas para essa instituição.

Nessa perspectiva, considerando o objetivo de refletir acerca das diferenças no posicionamento discursivo de narrativas dessas mães participantes em relação ao seu envolvimento nas vivências escolares dos filhos durante a pandemia, percebo que há um contraste de posicionamento entre Nicole e Aline no que diz respeito ao ensino remoto emergencial e ao envolvimento ativo da família nos estudos das crianças. A filha de Nicole apresentou notas baixas e, a partir disso, a

mãe identificou que era necessária a sua intervenção e participação efetiva no processo escolar remoto. Aline, no entanto, por já ter o hábito de acompanhar, diariamente, as lições e demandas de seus filhos, havia percebido que a filha Vanessa, embora apresentasse boas notas, não estava se desenvolvendo cognitivamente da forma que esperava. Nesse caso, Aline se deteve a uma análise mais minuciosa das tarefas enviadas pela escola de sua filha e concluiu que os exercícios eram insuficientes e elementares demais para um terceiro ano escolar.

Logo, é evidente a divergência no que diz respeito à percepção de ensino e aprendizagem entre ambas as mães: enquanto uma agia de forma passiva em relação aos estudos, a outra atuava ativamente em todos os assuntos relacionados à vida escolar dos filhos. Enquanto Nicole se preocupava com o baixo desempenho de Sofia, Aline se ocupava com a qualidade do ensino, independente de sua filha, Vanessa, já apresentar boas notas, pois isso, na sua opinião, impactaria no desenvolvimento acadêmico da criança.

Realizando, ainda, a análise comparativa entre os dois eventos reportados pelas participantes, é possível identificar que, ao passo que Nicole demonstra muita dificuldade com o princípio das aulas remotas em função de não estar acostumada a passar tanto tempo junto à sua filha, tendo de supervisioná-la no cumprimento de suas demandas escolares, para Aline não houve grandes desafios relacionados ao ERE, pois sua família já tinha uma rotina de estudos bem estabelecida previamente à pandemia. Na narrativa, é relatado que, para Nicole, houve certo estranhamento por ter a filha em casa durante mais um turno, para Aline, no entanto, isso era habitual e considerado agradável para sua família, pois, segundo a participante, sempre foi comum a interação entre pais e filhos nos momentos livres das crianças.

Outro aspecto distinto entre as narrativas, considerando os elementos linguístico-discursivos, é o fato de Aline aplicar a ênfase em determinadas palavras, a fim de expressar algumas emoções mais intensas, de dar destaque a informações e também utilizar esse recurso em momentos de comparações, seja em relação aos filhos ou às escolas. Nicole, por sua vez, emprega a sobreposição de fala frequentemente em seu discurso, refletindo o seu engajamento e interesse em prosseguir a narrativa.

Em ambas as entrevistas, meus turnos de fala, como participante do evento narrativo, foram curtos. Concluo que seja em função de que, previamente à entrevista, já havia ficado muito claro para as mães o que seria abordado e a

expectativa em relação ao que elas relatassem. Também observei uma necessidade de compartilhar e descrever as suas experiências, especialmente com alguém que passou por desafios semelhantes aos seus durante a pandemia de COVID-19, principal embate discursivo convergente nas narrativas.

Através da análise de dados, torna-se evidente que o papel da escola na instituição família vai além de fornecer o conhecimento acadêmico e preparar o estudante para viver em sociedade. A pesquisa mostra que a escola também desempenha a importante função, mesmo que indiretamente, de organizar o tempo e a rotina das famílias, atuando de forma colaborativa para uma educação para a cidadania. É, por exemplo, através do calendário escolar que os passeios de férias são agendados. Da mesma forma, é através dos horários das aulas estabelecidos pela mantenedora, que os responsáveis organizam o almoço, o horário de acordar, o momento mais adequado de ir a uma consulta médica, entre tantos outros exemplos nos quais as decisões das famílias são ponderadas conforme os preceitos de ordenação da escola. A sociedade se organiza de forma significativa em relação ao funcionamento dos locais de ensino e, com a chegada da pandemia, essa estrutura social foi abalada.

A presente pesquisa ainda revela, através da narrativa da primeira participante, que a pandemia afetou as famílias financeiramente, pois é comum a fala de que, durante as aulas online, muitos celulares ficaram desatualizados ou obsoletos e perderam suas funções. Desse modo, houve a necessidade de ser feito um investimento além do esperado com aparelhos eletrônicos. Nicole ainda indica que foi necessária a aquisição de novos materiais, a fim de melhorar a organização de estudo de sua filha.

O cenário de Nicole, no entanto, não reflete a realidade da maior parte da população, pois se sabe que muitas famílias não dispunham de recursos como acesso à internet, ambiente favorável aos estudos, aparelhos eletrônicos adequados. Muitas vezes, era necessário dividir um único celular com todos os membros da família, entre outros aspectos daquela vivência que não foram apontados nas narrativas das participantes, mas que, certamente, evidenciam realidades distintas vividas durante a pandemia.

Por fim, realizar uma pesquisa na área da Linguística Aplicada me permitiu um olhar diferente para os dados aqui apresentados, uma vez que, através da base teórica já desenvolvida pela LA, é possível fazer análises multidisciplinares como a

realizada neste estudo, explorando autores dedicados à compreensão da linguagem como prática social em contextos diversos. A perspectiva teórica de análise de narrativas possibilita a percepção acerca da forma como se deu a interação entre mães e filhos durante a pandemia de COVID-19. Além disso, viabiliza a investigação sobre o papel da escola e da família durante o período de suspensão das aulas presenciais, bem como o entendimento acerca das estratégias adotadas pelas mães no ERE.

Nesse sentido, o presente trabalho contribui para a investigação e compreensão acerca dos posicionamentos e vivências de mães de estudantes durante a suspensão das aulas presenciais em decorrência da crise sanitária de COVID-19. As narrativas orais das participantes evidenciaram, através de um contexto micro, o macro, contribuindo para que outros interessados percebam a forma como essas mães se posicionaram e constituíram sua organização discursiva. Embora as vivências narradas pelas participantes não representem grande parte da população no que diz respeito à presença e participação das mães na vida escolar de seus filhos, a pesquisa aponta a existência de famílias engajadas, pertencentes à escola pública, que buscam cumprir seu papel de acompanhar e auxiliar ativamente as demandas escolares, em meio a um momento de muita incerteza e insegurança.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Renata Martins Amaral; PEREIRA, Maria das Graças Dias. A mulher no mercado”: narrativa de sofrimento e denúncia postada no blog de uma mulher com câncer de mama, **Revista PERcursos Linguísticos: Discursos de resistência e corpos (re)existentes**, Vitória, v. 10 ed. 25, p. 279-299. 2020.
- BAMBERG, M. G. W. Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos. *In: Moita Lopes, L. P. & Bastos, L. C. (orgs.)* **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras, 2002. cap. 8, p. 149 –185.
- BASTOS, L. C.; BIAR, L. **Análise narrativa e práticas de entendimento da vida social**. Delta, São Paulo, v. 31, p. 97-126, 2015.
- BERLATTO, Odir. **A construção da Identidade Social**. Revista do Curso de Direito da FSG. Caxias do Sul: 2009.
- BIAR, L. A.; ORTON, N.; BASTOS, L. C. **A pesquisa brasileira em análise de narrativa em tempos de “pós-verdade”**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 21, n. 2, p. 231-251, maio/ago. 2021.
- BRUNER, Jerome. **Actual minds, possible words**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1986.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- COSCARELLI, Carla Viana. Ensino de língua: surtos durante a pandemia. *In: Tecnologias digitais e escola: reflexões no projeto aula aberta durante a pandemia / organização Ana Elisa Ribeiro, Pollyanna de Mattos Moura Vecchio. - 1. ed. - São Paulo: Parábola, 2020.*
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. **Analyzing Narrative: Discourse and Sociolinguistic Perspectives**. Cambridge University Press, 2012.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. *In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FLANNERY, M. R. S. **Uma introdução à análise linguística da narrativa oral: abordagens e modelos**. Campinas: Pontes Editores, 2015.

- FOLLMANN, José Ivo, *et al.* **Processos de identidade, relações étnico-raciais e relações religiosas.** (Coleção do NEABI: Refazendo Laços e Desatando Nós - Vol. 4). São Leopoldo: Casa Leiria, 2017 (Edição corrigida-revisada em 2021).
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O Palacete Paulistano.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- KALOUSTIAN, S. M. (org.) **Família Brasileira, a Base de Tudo.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1988
- KERSCH, D., & LESLEY, M. (2019). **Hosting and healing: A framework for critical media literacy pedagogy.** *Journal of Media Literacy Education*, 11(3), 37-48.
- KERSCH, Dorotea Frank. Prefácio. In: MENDONÇA, Márcia; ANDREATTA, Elaine; SCHLUDE, Victor (org.). **Docência pandêmica: práticas de professores de língua(s) no ensino emergencial remoto.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 19-24.
- LABOV, W. **The transformation of experience in narrative syntax.** In: LABOV, W. *Language in the inner city.* Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- LANGENHOVE, L. V.; HARRÉ, R. **Introducing positioning theory.** In:..(Eds.), *Positioning theory.* Oxford: Blackwell Publishers, 1999. p.14-31.
- MADEIRO, Carlos. **Março já é o mês com mais mortes na história do Brasil; 1/3 delas por covid.** UOL Maceió: 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/29/marco-recorde-mortes-brasil.htm>. Acesso em: 21/10/2022.
- MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação.** São Paulo: Editora Ática, 1986.
- MENDONÇA, Márcia. **Aula de língua(s) no ensino emergencial remoto: práticas e percepções iniciais de professores.** In: MENDONÇA, Márcia; ANDREATTA, Elaine; SCHLUDE, Victor (org.). *Docência pandêmica: práticas de professores de língua(s) no ensino emergencial remoto.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.p. 40-76.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Medidas preventivas.** Disponível em: <https://acesse.one/medidasdeprevencao>. Acesso em: outubro/2020.
- MIRA, C. C. C. R.; CUSTODIO, K. de A. **Narrative as the identity construction of a person with alzheimer's disease.** *SciELO Preprints*, 2022.
- MISHLER, E. G. **Research interviewing: context and narrative.** Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1986.
- MOITA LOPES, L. P. **Os espaçostempos da narrativa como constructo teórico-metodológico na investigação em linguística aplicada.** *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 40, p. 11- 33, maio-ago. 2021.
- MOREIRA, José António; SCHLEMMER, Eliane. **Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife.** *Revista UFG, Goiânia*, v. 20, n. 26, p.01-35,

2020. Educação Bahia. Formação Continuada - Aula Magna António Nóvoa. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7kSPWa5Nioe>>. Acesso em 21/10/2021.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PAROLIM, Isabel. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares**. Fortaleza, 2003

PEREIRA, T. CARNIN, A. MIRA, C. “**É um processo muito difícil**”: narrativa e (re)construção identitária de professora de Língua Portuguesa sobre o ensino remoto emergencial. Revista da Anpoll, Florianópolis, v. 53, n. 1, p. 13-34, jan.-abr., 2022.

RIESSMAN, C. K. **Narrative analysis**. Newbury Park: Sage, 1993.

ROJO, Roxane. **(Re)pensar os multiletramentos na pandemia**. In: Tecnologias digitais e escola: reflexões no projeto aula aberta durante a pandemia/organização Ana Elisa Ribeiro, Pollyanna de Mattos Moura Vecchio. - 1. ed. - São Paulo : Parábola, 2020.

SANTOS, William Soares dos. **Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa interpretativa com narrativas**. In: BASTOS, Liliانا Cabral; SANTOS, William Soares dos. A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.

SARAIVA, K.; TRAVERSINI, C.; LOCKMANN, K. **A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v.15, e2016289, p. 1-24, 2020.

SCHWANDT, T. A. **Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social**. In: Denzin, N. e Lincoln, Y. (orgs.), O planejamento da pesquisa qualitativa – Teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006, pp. 193-210.

SILVA, Josene Gonçalves et al. **Participação da família na escola**. Revista Saberes em Rede CEFAPRO de Cuiabá/MT, [s. l.], p. 95-102, jul/dez 2013.

VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ANEXO A - CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

...	Pausa
:	Fala alongada
—	Ênfase
()	Sugestão do transcritor
(SI)	Segmento incompreensível
[Sobreposição de fala
?	Pergunta

Fonte: Marcuschi (1986)